

Estela Ramos de Souza de Oliveira

**O DIABO RIDICULARIZADO NA LITERATURA DE
FOLHETOS DO NORDESTE**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-graduação em Literatura da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Mestre em Literatura.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Salma Ferraz de
Azevedo de Oliveira

Florianópolis
2013

Catálogo na fonte elaborada pela biblioteca da
Universidade Federal de Santa Catarina

A ficha catalográfica é confeccionada pela Biblioteca Central.

Tamanho: 7cm x 12 cm

Fonte: Times New Roman 9,5

Maiores informações em:

<http://www.bu.ufsc.br/design/Catalogacao.html>

Estela Ramos de Souza de Oliveira

O DIABO NA LITERATURA DE FOLHETOS DO NORDESTE

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre”, e aprovado em sua forma final pelo Programa Pós-Graduação em Literatura.

Florianópolis, 16 de Abril de 2013

Prof. Susana Célio Leandro Scramim, Dr.^a
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Salma Ferraz, Dr.^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a xxxx, Dr.^a
Corientadora
Universidade xxxx

Prof. xxxx, Dr.
Universidade xxxxxx

À Isabela e ao Dionis, presentes nas
minhas ausências.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os educadores com quem tive o privilégio de conviver ao longo de minha formação.

Aos meus pais, leitores exemplares, dos quais ganhei minhas inseparáveis e aguardadas revistas *Nosso Amiguinho*.

Às minhas irmãs mais velhas, de quem eu esperava ansiosamente uma indicação de leitura na infância.

Ao meu irmão mais novo, o primeiro aluno para quem eu lecionei e que até hoje tento ensinar alguma coisa.

Aos professores do Departamento de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense, que fazem verdadeiros milagres para difundir a pesquisa.

Ao professor Dr. Gladir Cabral, que me deu as primeiras dicas para eu empreender meu projeto de mestrado ao Programa de Pós-graduação em Literatura.

Ao professor Dr. Celdon Fritzen, na UNESC, meu primeiro orientador de projeto de pesquisa e que, já como docente da UFSC, participou de minha banca de qualificação.

Aos funcionários da Biblioteca Átila Almeida, da UEPB, solícitos durante toda a coleta do *corpus*.

Aos professores participantes de minha banca de qualificação, Dr. Celdon Fritzen (UFSC) e Dr. José Ernesto de Vargas (UFSC) e de defesa, Dr. Antônio Augusto Nery (UFPR) e Andréia Guerini (UFSC), cujos comentários acrescentaram em minha pesquisa e serão determinantes para a continuidade de minha trajetória como pesquisadora.

À professora Dr^a Salma Ferraz pela oportunidade de ingresso, incentivo na permanência e exemplo de retidão, profissionalismo e autonomia de pesquisa. De modo especial, Salma, obrigada por valorizar a discussão de ideias e teorias e não superestimar a discussão de pessoas.

À minha cunhada, Eloisa, com quem eu pude e posso contar.

Aos amigos que fiz na JBG Contabilidade e no Instituto Educacional Madre Elisa Savoldi, empresas empregadoras e incentivadoras de minha permanência no Mestrado.

Aos familiares e amigos, que conseguiram equilibrar a exigência da presença e a compreensão das ausências.

Disse Jesus: Que desejas
onde não foi convidado
Disse o diabo: Senhor Rei
o mundo está desgraçado
a corrupção é demais
vim lhe fazer avisado.

(José Costa Leite, 1976)

RESUMO

A estreita relação entre Satanás e a maldade sempre o identificou como o culpado pela gênese do mal. Sem a pretensão de refutar ou confirmar essa teoria, este trabalho limita-se a constatar correspondências estruturais entre o Diabo bíblico e o Diabo na literatura de folhetos do nordeste, conforme a metodologia proposta por Kuschel (1999). Situada no ramo de estudos denominado Teopoética e tendo como base a crítica temática (BERGES, 2006), esta pesquisa objetiva definir se a representação do Diabo como criatura ridicularizada no gênero apresenta-se como transgressão ou a confirmação da crença no projeto da redenção humana, proposto pelo *Novo Testamento*.

Palavras-chave: Diabo. Teopoética. *Bíblia*. Folhetos.

ABSTRACT

The close relationship between Satan and the evil always has been identified as the evil culprit. Without attempting to confirm or refute this theory, this work is limited to observe structural correspondences between the Bible's Devil and the northeast cordel's Devil, according to the methodology proposed by Kuschel (1999). Situated in the field of study called Teopoetic and based on the thematic critical (BERGUES, 2006), this research aims to determine whether the representation of the Devil as a derided creature in the genre presents itself as transgression or confirmation of the belief in project of redemption human, proposed by the *New Testament*.

Keywords: Devil. Teopoetic. *Bible*. Cordel.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	DO GÊNESIS AO APOCALIPSE: AS APARIÇÕES DO DIABO NA BÍBLIA	Erro!
	Indicador não definido.	
2.1	DEUS DE ISRAEL: O BEM E O MAL, DE ONDE PROVÊM?	478
2.2	O DIABO NO NOVO TESTAMENTO: A PRESENÇA	
	CONSTANTE DO INIMIGO.....	39
2.2.1	Houve pela no Céu: a revelação do inimigo de Deus	40
2.2.2	O espinho na carne	42
2.2.3	O Reino do Bem X Reino do Mal: a polarização das	
	virtudes	43
3	LITERATURA DE FOLHETOS: A POESIA POPULAR	
	EXPRESSA NA MODALIDADE ESCRITA	47
3.1	FOLHETOS: INFLUÊNCIA E SUPERAÇÃO DO	
	RELIGIOSO	47
3.1.1	O Diabo e a literatura de folhetos	49
3.2	AS PARTICULARIDADES DO FOLHETO NORDESTINO	49
3.2.1	Folheto: uma arte coletiva	54
3.2.2	Pelejando a autoria	59
4	TENTADOR, ADVERSÁRIO E ACUSADOR: AS TRÊS	
	FACES DO DIABO NOS FOLHETOS.....	63
4.1	FOLHETOS DE PACTO: A FACE DO TENTADOR	67
4.1.1	Satanás trabalhando no roçado de São Pedro e Como São Pedro	
	enganou o Diabo	69
4.1.2	O Velho que enganou o diabo	72
4.1.3	O sócio do diabo	73
4.1.4	A Mulher que enganou o diabo	74
4.2	FOLHETOS DE PELEJA, DISCUSSÃO E DESAFIO: A FACE DO	
	ADVERSÁRIO	79
4.3	FOLHETOS DE QUEIXA: A FACE DO ACUSADOR	83
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
	REFERÊNCIAS	93

1 INTRODUÇÃO

Satã é o grande apóstolo e cúmplice do pecado e é por isso execrado e combatido por todas as religiões dos povos civilizados.

(Giovanni Papini, 1954)

Encontrar uma explicação para os fenômenos terrenos é uma necessidade humana; identificar as razões que motivam o sofrimento no mundo, uma obstinação. Ao padecer com doenças incuráveis, devastadoras epidemias, secas promotoras da fome, morte de inocentes, guerras civis e militares, enchentes, enfim, estando à mercê de todo tipo de fenômeno ameaçador e desconhecido, o homem tenta responder a uma questão tão antiga quanto a sua existência: qual a gênese do mal e o motivo pelo qual acompanha permanentemente a humanidade.

Nessa instigante dúvida, a maioria das civilizações imputa a alguma entidade o poder de promover o mal. Assim, há milhares de anos, o questionamento sobre a origem das moléstias encontra resposta em deuses ou semideuses. A atribuição das funções, as características físicas ou nomes pelos quais são denominados relacionam-se diretamente às particularidades de cada povo, suas crenças e privações.

Alberto Cousté, em *Biografia do Diabo*, obra que apresenta a história concisa da personagem-título, atribui à Idade Antiga os registros incontestáveis na crença/temor em uma divindade do mal. De acordo com a obra, mesopotâmicos, egípcios, sumérios, acádios, babilônicos, persas, dentre outros povos, continham em seus panteões uma entidade (atuando solitariamente ou em bando) responsável pelos infortúnios da humanidade.

Independentemente da origem ou peculiaridades dessa figura detentora do poder maligno, o fato é que a cultura Ocidental não fica indiferente a essa crença. Identificado pelo nome de Diabo _ e por vários codinomes, Satã, Capeta, Demo, Satanás, Pé Redondo, Coxo, Lúcifer etc._ , sua figura está presente na literatura oral e escrita, artes plásticas, música, cinema, teatro e em outras manifestações laicas e religiosas.

Para Carlos Roberto Nogueira na obra *O Diabo no Imaginário Cristão*, tamanha repercussão deve-se especialmente à difusão de um dos dogmas centrais do cristianismo: Bem X Mal. Em outro estudo do mesmo autor, lê-se:

Com o advento do Cristianismo, chocam-se as tradições, interpenetrando-se e amoldando-se. O espírito do mal vem estabelecer, em definitivo, o confronto permanente entre o Bem e o Mal, vital para a cristalização da figura do Maligno na consciência cristã. (NOGUEIRA, 2012, p. 103)

A religião cristã, que reúne o maior número de seguidores no Ocidente, tem como literatura sagrada a *Bíblia*. Esta é composta por um conjunto de livros compilados no *Antigo Testamento*¹ (também chamado de *Velho Testamento*) e *Novo Testamento*². Ambos significam a aliança que Deus faz com a humanidade.

No *AT*, encontram-se as narrativas da origem do mundo, mandamentos destinados aos homens, a trajetória do povo escolhido por Deus e as profecias reveladas. Provém daí a aliança que este faz com a humanidade, assumindo a face de pai e criador.

A segunda aliança de Deus encontra-se no *NT*. É composto por quatro livros, denominados evangelhos, que contam a vinda de Deus encarnado, redentor da humanidade, o Cristo (daí a origem do nome pelo qual são designados seus seguidores); narrativas da igreja primitiva e do trabalho apostólico de seus primeiros evangelizadores³ e pelo enigmático Livro da Revelação, o *Apocalipse*. O principal significado do *NT* para os cristãos é da demonstração do amor de Deus aos homens, porque esse vem sob a forma humana para assumir os pecados do mundo e dar vida eterna àqueles que nele creem e seguem seus desígnios.

É nessa parte da *Bíblia* que o Diabo assume a função de detentor do poder maligno. A estreia da personagem no *NT* é marcada pelo encontro com ninguém menos que o próprio Cristo. No evangelho de Mateus, ele figura tentando, sem sucesso, ao redentor da humanidade quando este é conduzido ao deserto. Para o evangelista João, a personagem é intitulada como pai da mentira, príncipe deste mundo e suicida desde o princípio. Já nas cartas de Paulo e de Pedro, ele é descrito como o grande tentador e adversário astuto dos homens.

¹ Ao longo do trabalho grafado com *AT*.

² Ao longo do trabalho grafado como *NT*.

³ São assim denominados pelo cristianismo àqueles que anunciam ao mundo o Cristo como Salvador da humanidade, o redentor dos pecados do mundo. Evangelho significa Boa Notícia, no caso do cristianismo a Boa Notícia é o próprio Deus Encarnado, o Cristo.

Tardiamente, entretanto, outros nomes empregados na *Bíblia*, tais como Satanás, Serpente, Dragão, foram relacionados ao Diabo. Essa variedade de denominações pode ser confirmada no *Apocalipse* (12, 7-9) conforme se lê:

Aconteceu então uma batalha no céu: Miguel e seus Anjos guerrearam contra o Dragão. O Dragão batalhou juntamente com os seus Anjos, mas foi derrotado, e no céu não houve mais lugar para eles. Esse grande Dragão é a antiga Serpente, é o chamado Diabo ou Satanás. É aquele que seduz todos os habitantes da terra.

Diante do exposto, consideraremos como Diabo bíblico o Dragão e a do *Apocalipse*, a serpente do *Gênesis*, o Diabo que tenta nos evangelhos, Satanás que participa da corte celeste no livro de *Jó* e entra em Judas para vender Jesus aos fariseus. Cada uma dessas aparições, assim como outras ainda não citadas, será apresentada no primeiro capítulo deste trabalho, que visa à identificação das funções exercidas pelo Diabo no contexto testamentário.

O motivo pelo qual delimitamos a figura do Diabo como bíblico é pontual para diferenciá-lo de suas demais representações, uma vez que, como já mencionamos, ele está presente nas mais diversificadas manifestações culturais, não se restringindo apenas à *Bíblia* e à forma como as páginas do *Antigo* e *Novo Testamento* apresentam-no.

Embora não se limitando apenas às representações bíblicas, o livro sagrado do cristianismo influenciou todo o pensamento Ocidental e, por isso, suas artes, incluindo nestas a literatura. Em seu artigo *A esfinge pejada de mistérios: travessias e travessuras de Judas*, Salma Ferraz enfatiza que

Sendo a *Bíblia* (...) o maior *best-seller* de todos os tempos e uma obra clássica da literatura mundial, imprescindível para o conhecimento do cristianismo, da Literatura Ocidental e da cultura do Ocidente, é natural que muitos de seus personagens migrem para as páginas de grandes romances do Ocidente. (FERRAZ, 2010, p.2)

Obras da literatura, tais como *A divina comédia* (Dante Alighieri), *Os três cabelos de ouro do Diabo* (Irmãos Grimm), *O moinho do Diabo* (H.C. Andersen), *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz* (C.S. Lewis) A

Igreja do Diabo (Machado de Assis), *O Auto da Compadecida* (Ariano Suassuna) e *O Auto da Barca do Inferno* (Gil Vicente) exemplificam essa imigração anunciada por Ferraz. Nelas, como é possível supor pela maioria dos títulos, o Diabo, personagem bíblico, invade as páginas da literatura.

Se ao emigrar da *Bíblia* para as artes, o Diabo passeou nas páginas da literatura erudita, certamente foi nos escritos populares que ele fez morada e fixou residência. Segundo Jean Delumeau, em *História do Medo no Ocidente*, as camadas populares criaram uma resposta à teologia assustadora difundida pelo cristianismo e pelas artes eruditas.

O diabo popular pode ser também um personagem familiar, humano, muito menos temível do que assegura a Igreja e isso é tão verdade que se chega bem facilmente a enganá-lo. Assim ele aparece em inúmeros contos campestres (...). A cultura popular assim se defendeu, não sem sucesso, contra a teologia aterradorante dos intelectuais. (DELUMEAU, 2001, p. 249)

É desse modo também que sua imagem apresenta-se na literatura popular brasileira. Menos perturbador e vingativo, ele surge em lendas, mitos e folhetos com tom mais leve: ora como um conquistador de mulheres, outrora negociante e até mesmo engraçado.

No nordeste brasileiro, são tão frequentemente encontrados os folhetos apresentando o Diabo como uma criatura vulnerável à esperteza humana que os pesquisadores do gênero criaram uma categoria de classificação para este tipo de enredo. *Ciclo do Diabo Enganado* ou do *Demônio Logrado*, conforme designa Câmara Cascudo em sua *Antologia do Folclore Brasileiro*, são algumas das definições usadas pelos folcloristas para denominar o conjunto de folhetos nos quais o Tentador é ludibriado pelos mortais.

Nesse contexto, é verificável que o Diabo assume um papel de maior fragilidade, se comparado à humanidade, do que a tradição teológica cristã costuma atribuir ao Inimigo. Tratando-se, pois, de uma transgressão no que se refere à tradicional representação deste, queremos apresentar em nossa pesquisa os tipos de enredo presentes na literatura de folhetos da região nordeste brasileira nos quais o demiurgo em questão aparece como ridicularizado, analisando as funções por ele desempenhadas bem como sua relação com a humanidade.

A escolha do tema e do material aqui proposto não se dá de forma aleatória. Embora haja um número crescente de estudos sobre a figuração do Diabo nos diversos discursos (religioso, literário, teatral, cinematográfico, publicitário, etc.), ainda há um vasto campo de pesquisa, especialmente nas artes populares, a ser investigado.

A literatura de folhetos nordestina cumpre alguns critérios considerados primordiais para esta pesquisa. Trata-se de uma manifestação popular, próxima da oralidade (oriunda desta modalidade), que revela qual a reflexão teológica acerca da personagem mais temível do cristianismo.

O cordelista apresenta nos folhetos em que assina seus pensamentos e de seus pares, baseado na consciência de si mesmo, dos outros e do todo que o rodeia. É possível identificar no folheto as ideologias predominantes de seu meio e concepções há muito tempo definidas, uma vez que registra via folheto uma tradição passada por outras gerações. Portanto, o cordel é “[...] a maneira de ver e analisar os fatos sociais, políticos e religiosos da gente rude do interior nordestino, fotografada nas páginas dos folhetos, denunciando costumes, atitudes, preferências e julgamentos.” (CAMPOS, 2010, p. 60)

Sendo assim, esta pesquisa tem como base a crítica temática, cujo um dos principais conceitos é o da interação: “é por sua relação consigo mesmo que o eu se estabelece, é por sua relação com o que o cerca que se define.” (BERGES, 2006, p. 105). De modo que

A crítica temática recusa, pois, tanto a concepção “clássica” do escritor totalmente dono do seu projeto quanto o procedimento psicanalítico que atribui a obra uma interioridade psíquica que lhe é anterior. Ela não esquece nem esse domínio nem essa parte de inconsciente, mas vincula a verdade da obra a uma consciência dinâmica que está se formando. (BERGEZ, 2006, p. 105)

Nosso estudo articula-se a partir da metodologia proposta por Karl-Josef Kuschel, na área da Teopoética. Esse ramo de estudos baseia-se na análise de três componentes: “a crítica de Deus feita pelos poetas, a crítica à Literatura feita em nome de Deus, e a tarefa da literatura e da teologia de colaborar com a apreensão mais densa da realidade.” (KUSCHEL, 1999, p. 210)

Influenciados por esse e outros estudos oriundos dos Estados Unidos e de países da América Latina, a Teopoética vem crescendo no

Brasil e já consiste em uma área de estudos consolidada. Especialmente nas duas últimas décadas, trabalhos como os dos estudantes e pesquisadores do Grupo de Pesquisa *Teopoética – Estudos comparados entre Teologia e Literatura* – e do Grupo de Trabalho da ANPOLL *Literatura e Sagrado* contribuíram para a efervescência de publicações e discussões nessa área de pesquisa.

Uma peculiaridade da Teopoética no Brasil é que seus estudos não se restringem à figura de Deus. Muitos trabalhos debruçam-se sobre livros bíblicos específicos e suas personagens, como o Diabo. Andrei Soares, Carlos Roberto F. Nogueira, Teresa Rigoni, Dante Luiz Lima, Marcos Lopes e Salma Ferraz são pesquisadores brasileiros cujas produções vinculam-se à figuração do Diabo nos discursos literários.⁴

Considerando os folhetos cujos enredos apresentam a ridicularização de Satanás, abordaremos de que maneira ele é representado na literatura popular do nordeste brasileiro, verificando o que migra da *Bíblia* e o que há de peculiar em sua representação nesse gênero. Para tanto, vamos empregar o método da analogia estrutural de Kuschel, constatando correspondências e diferenças, de acordo com os seguintes pressupostos:

Com esse método (analogia estrutural), torna-se possível considerar seriamente também a experiência e a interpretação literária em suas correspondências com a interpretação da realidade, mesmo quando a literatura não tem caráter cristão ou eclesialístico. (...) Quem pensa segundo esse método constata também o que é contraditório nas obras literárias em relação à interpretação cristã da realidade, ou seja, o que é estranho à experiência cristã de Deus. (KUSCHEL, 1997, p. 222)

Com a delimitação do gênero e escolha da metodologia desta pesquisa, resta-nos ainda especificar quais exemplares farão parte do *corpus*. Haja vista a grande quantidade de folhetos cuja temática recupera, de alguma forma, o Diabo, delimitamos a busca nos cordéis

⁴ Alguns desses estudos podem ser encontrados nas obras *As malasartes de Lúcifer: textos críticos de Teologia e Literatura* e *O Pólen do Divino*, ambos da compiladora Salma Ferraz.

que fazem parte do Acervo Átila Almeida⁵, na Biblioteca homônima, instalada na Universidade Estadual da Paraíba, localizada em Campina Grande.

Dada as características de produção e comercialização da literatura de folhetos, não há como apontar com exatidão a autoria e data de publicação. Por esse motivo, não demarcamos a busca por tempo cronológico e nome de autor.⁶ O critério adotado foi o de pertencer ao acervo Átila Almeida, composto por 9.992 títulos de folhetos.

Desse total, 161 foram selecionados para integrar o *corpus* desta pesquisa por terem como personagem o Diabo. Como a Biblioteca Átila Almeida até a data da coleta do material não contava com acervo virtual, cada um das obras necessárias para análise foram disponibilizados pela biblioteca para digitalizarmos *in loco*. Com a digitalização dos folhetos tornou-se viável a leitura de todos para verificarmos quais enredos apresentavam a figura do Diabo como ridículo, restando-nos 22 obras.

Esse *corpus* contribuirá para confirmarmos ou refurtarmos a questão inicial de nossa pesquisa: a representação do Diabo como criatura ridicularizada na literatura de folhetos, embora inicialmente pareça uma negação à tradição bíblica, é, pelo contrário, a confirmação da crença no projeto da redenção da humanidade, propagada pelo NT.

Para que o objetivo proposto neste trabalho seja alcançado, iniciamos esta apresentação explanando a trajetória bíblica da

⁵ É o maior acervo de literatura de folhetos da América Latina. Trata-se da coleção particular do professor Átila Almeida, que por anos adquiriu e armazenou, além dos cordéis, periódicos e obras raras. Segundo informações da própria Biblioteca Átila Almeida, disponibilizadas em sua página na *Internet*, o Governado do Estado da Paraíba comprou em 2003 todo o acervo da senhora Ruth Almeida, viúva de Átila, e doou a UEPB que, em 2004, passou a ter total responsabilidade pelo material, com sua guarda, conservação e manutenção.

⁶ Embora a maioria dos folhetos venha datada e assinada pelo cordelista, nem sempre essas informações podem ser consideradas legítimas. Além da peculiaridade de que a literatura antes de ser registrada em folheto tenha sido repassada pelas gerações em forma de literatura oral, há outra particularidade que compromete a atribuição da autoria dos cordéis. Muitos autores, ou mesmo familiares após a morte dos entes cordelistas, vendiam os direitos autorais das obras. Os compradores nem sempre mantinham a autoria original registrada nos cordéis. Como exemplo, temos o cordelista João Martins Athaíde que, em 1921, adquiriu os direitos de publicação de toda a obra de Leandro Gomes de Barros e, embora inicialmente tenha se identificado como editor, depois de algum tempo, passou a omitir a verdadeira autoria dos folhetos. Parte do segundo capítulo tratará da questão da de forma mais detalhada.

personagem em estudo. Com o título *Do Gênesis ao Apocalipse: as aparições do Diabo na Bíblia*, o primeiro capítulo pretende responder de forma analítica quais as funções que a personagem possui na leitura do livro sagrado do cristianismo: ele age a serviço de Deus, como acusador dos homens, punindo aos desobedientes das determinações das Escrituras?; É o Anjo Caído, o grande rebelde e adversário de Deus, desejoso por provar ao Criador⁷ que os filhos são tão infiéis quanto ele foi ao Pai⁸?; Trata-se, na verdade, do tentador frustrado, impotente diante da vontade de Deus? etc. Os trabalhos de Harold Bloom, Barth Ehrman, Salma Ferraz, Gerald Messadié, Jack Miles, Peter Stanford e Uwe Wegner serão fundamentais para a discussão apresentada no capítulo.

De modo a entendermos qual a importância da literatura de folhetos para difusão ideológica e manifestação genuinamente nordestina, o segundo capítulo funciona como um precursor ao entendimento de nosso *corpus*. No capítulo denominado *Literatura de folhetos: a poesia popular expressa na modalidade escrita*, apresentaremos os elementos que envolvem sua produção. Marcia Abreu, Iza Chain, Manuel Diégues Junior, Mark Curran, Sebastião Nunes Batista e João Alves Sobrinho farão parte da fundamentação teórica do segundo capítulo. Com base nos estudos desses pesquisadores, haverá a explanação sobre a influência e a superação do religioso nos folhetos; as particularidades do gênero, especialmente no que se refere à autoria; e uma breve introdução acerca da notoriedade do tema Diabo na poesia popular escrita do nordeste.

Intitulado como *Tentador, Adversário e Acusador: as três faces do Diabo nos folhetos*, o capítulo três trará a apresentação do *corpus*, tratamento dos dados e classificação dos folhetos quanto à representação do tema. Inicialmente, apresentar-se-á a história do acervo Átila Almeida, desde a sua formação, passando pelo convite do proprietário a José Alves Sobrinho para este tornar-se colaborador na aquisição de novos títulos, até a breve explanação sobre sua estrutura atual. Depois, esclareceremos como se deu a seleção dos títulos para composição do *corpus* e revelaremos os dados quantitativos. Faremos a análise classificando os folhetos, de acordo com o desfecho, em três grupos: a) Pacto (comportando histórias nas quais a personagem, ao realizar um acordo, aposta ou pacto, tenha um desfecho frustrante, sendo enganado ou subestimado); b) Peleja, discussão e desafio (agrupando poesias cujo

⁷ Conforme denominação no livro do Gênesis. Referência a Deus.

⁸ Conforme denominação nos evangelhos. Referência a Deus.

enredo apresente de um lado o Diabo e de outro um famoso cantador de versos); c) Queixas (reunindo folhetos em que Satanás atua como acusador e reclama da má conduta da humanidade).

Ao término, apresentaremos a discussão que impulsiona toda a pesquisa: a face de ridicularizado do Diabo no folheto é uma transgressão à narrativa bíblica ou, pelo contrário, a confirmação da crença no Redentor da humanidade.

A partir da próxima página, nosso desafio é identificar qual a explicação para a concepção do Diabo ridicularizado nos folhetos nordestinos, uma vez que a representação do demiurgo em questão é flexível e está diretamente ligada ao contexto de sua aparição. Afinal, como aponta Cousté (1997, p. 249), o “Diabo gosta de mudar de feições, de sexo, de roupa. De acordo com a época e a oportunidade, encarna sob formas humanas ou se encobre por detrás de maiores sutilezas.”

2 DO GÊNESIS AO APOCALIPSE: AS APARIÇÕES DO DIABO NA BÍBLIA

Bíblia: escrita literária, texto político ou revelação divina? Com esta peculiaridade, a obra religiosa mais respeitada da humanidade⁹ foi difundida em todo o mundo. Surge como escritura sagrada, aquela que revela as palavras de Deus. Para os que assim crêem, a formação bíblica – incluindo a tradição oral, posterior escrita, compilação, revisões, traduções e disposição canônica – é motivada pelo próprio Deus. A citação do Papa Leão XIII, extraída da obra *A Face Oculta das Religiões*, de José Reis Chaves, repercute o pensamento católico acerca da *Bíblia*:

Deus, com seu sobrenatural poder, por tal forma moveu os escritores sagrados a escrever, e lhes assistiu enquanto escreviam, que só concebiam e escreviam o que Lhe aprazia dizer-vos, expressando-se com infalível verdade; ao contrário não se poderia dizer Autor de toda a Bíblia. (Papa Leão XVIII in CHAVES, 2001, p. 49)

Contudo, essa visão não é unânime. Há aqueles que discordam desse argumento e entendem-na como aparelho repressor e uma convenção do cristianismo para controlar os atos humanos. De acordo com isso, ela nada mais é do que um conjunto de mandamentos, cuja finalidade é reduzir a caminhada da humanidade à condenação ou à redenção, de acordo com a conduta ética, moral e religiosa dos homens. Sendo assim, a finalidade da *Bíblia* é antes política do que religiosa.

Apontamos ainda uma terceira possibilidade de leitura, pensando-a enquanto obra literária. Pesquisadores têm empreendido trabalhos bem-sucedidos no intuito de identificar características literárias nos gêneros, enredos e personagens bíblicos.

As leituras religiosa, política e literária são possíveis. Todas, aliás, legítimas. Contudo, a primeira é a grande responsável pela

⁹ A *Bíblia* é nomeada por José Reis Chaves em *A Face Oculta das Religiões* como a escritura sagrada mais respeitada do mundo e o livro mais importante do planeta. Segundo o autor, "mais de um terço da população mundial segue ou procura seguir os seus ensinamentos, apesar das divergências que há nas suas interpretações que dividem em várias igrejas ou correntes religiosas os seus mais de dois bilhões de seguidores." (CHAVES, 2001, p. 49)

disseminação do texto bíblico no Ocidente, sem a qual não haveria as demais. E é assim, por meio do discurso religioso, que o cordelista recebe a influência da *Bíblia*.

Diante das inúmeras formas de lê-la, é preciso anunciar, porém, que nossa abordagem dar-se-á pelo viés literário, não comportando aqui refutações ou confirmações dogmáticas.

2.1 DEUS DE ISRAEL: O BEM E O MAL, DE ONDE PROVÊM?

Na perspectiva adotada, tomando a *Bíblia* enquanto literatura e considerando unicamente sua disposição canônica, iniciada pelo *Gênesis* e finalizada no *Apocalipse*, a primeira ocorrência da palavra mal na *Bíblia* está em seu livro de abertura: “Iahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal”. (Gn 2,9) Logo depois, Iahweh dá ordem ao homem recém criado para que desfrute livremente de todas as árvores e frutos, exceto da árvore do conhecimento. Deste episódio, acontece a tentação, por meio da serpente, que resulta na queda do homem: “E Iahweh Deus o expulsou do jardim do Éden, para cultivar o solo de onde fora tirado.” (Gn 3,23)

Diante disso, é possível constatar que no primeiro livro bíblico está contida a origem de todas as coisas, incluindo a gênese do mal? A queda do homem seria, portanto, a explicação para sua existência? Considerando que a árvore com o fruto proibido proporcionaria ao homem o conhecimento do bem e do mal, parece-nos lógico que este já existia. Ao passo que

no fim do século IV, tanto no Oriente quanto no Ocidente, os cristãos concordavam em que a queda do homem não foi mais que um episódio na história de um prodigioso combate cósmico, iniciado antes da Criação, quando uma parte das falanges celestiais havia revoltado contra Deus, sendo então precipitada dos céus. (NOGUEIRA, 2000, p. 29)

Esta batalha, embora colocada cronologicamente antes da criação, encontra-se no último livro bíblico, o *Apocalipse*:

Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o

lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos. (APOCALIPSE 12, 7-9)

O trecho acima, emblemático para estabelecer definitivamente a relação entre a serpente, Satanás, o Diabo e o dragão, não nos permite precisar a origem do mal. É verificável que os anjos do céu tiveram um combate, duelando entre eles, liderados pelos opositores Miguel e o dragão, e que o resultado disto foi a precipitação deste e dos seus. Contudo, qual seria a razão para uma parte dos habitantes do céu combater com seus pares? Esta e outras questões passaram a atormentar as mentalidades, e os Pais da Igreja “são obrigados a abordar o problema, pois não existe senão um dado que há que dar ao Mal a sua genealogia.” (MESSADIE, 2001, p. 327)

Desde então, o Diabo figura como responsável pela origem e existência do mal no mundo. Para os primeiros teólogos católicos, Satanás seria “o chefe das forças das trevas, uma criatura saída pura das mãos do seu autor, (...). Este anjo ter-se-ia, segundo os Pais, revoltado contra Deus e teria arrastado na sua revolta anjos inferiores.” (MESSADIE, 2001, p. 327)

Essa ideia, fortemente difundida e aceita com algumas ressalvas, é considerada incompleta para explicar a existência do mal no mundo por não esclarecer qual o motivo da rebeldia dos anjos. “Primeiro problema nunca resolvido desde então: qual é a causa da queda dos maus anjos? O Mal? Mas assim o Mal teria existido anteriormente a Satanás e este não seria o seu causador?” (MESSADIÉ, p.327). Perguntas desde sempre sem resposta foram sucedidas por teorias que versavam sobre a motivação da queda. Séculos de estudos resultaram na formulação de várias hipóteses, dentre as quais que sua queda pode ter sido provocada por inveja ao homem, feito a imagem e semelhança de Deus; soberba e orgulho por tentar igualar-se a Deus; ou pela dor de não ter sido o escolhido no projeto de encarnação como Verbo. Mais uma vez, nada que explique a origem do mal.

Transpondo a discussão, Papini (1954, p.56) é taxativo ao afirmar que “Deus é o único criador de todas as criaturas e só D’Ele receberam e recebem todos os requisitos e qualidades”. De modo que Lúcifer não poderia ser orgulhoso, invejoso e soberbo se Deus não o tivesse dotado dessas características.

Na segunda parte de *Isaías* e em *I Samuel*, é possível encontrar a confirmação do que se disse anteriormente. Os episódios marcam respectivamente a fala de Iahweh a Ciro, o libertador de Israel, e o espírito mau de Iahweh atormentando Saul.

Para que saiba, até o nascente do sol e até ao poente, que além de mim não há outro; eu sou o Senhor, e não há outro. Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e **crio o mal**; eu, o Senhor, faço todas estas coisas. (ISAÍAS 45:6,7)

O espírito de Javé afastou-se de Saul, e ele começou a ficar agitado por um espírito mau, enviado por Javé. Então os servos de Saul disseram: “Você está sendo agitado por um espírito mau enviado por Deus. (I SAMUEL, 16:14,15)

Ambas as leituras revelam que Deus seria o responsável pelo mal no *AT*. Porém, para uma vertente da teologia católica, a relação estabelecida entre o mal/espírito mau e Javé é apenas uma estratégia do próprio Deus para proteger o povo escolhido. A ausência da origem do mal, especialmente no Pentateuco, conjunto que compõe os cinco primeiros livros bíblicos, deve-se à peculiaridade do povo israelita, conforme se lê no *Dictionnaire de Theologie Catholique*:

Os estudiosos são levados a crer que Moisés resolveu silenciar sobre o espírito maligno ou mesmo sobre os anjos decaídos para evitar que os israelitas, que já eram inclinados ao politeísmo e à idolatria, e que estavam cercados de povos idólatras, não tentassem identificar o diabo como uma espécie de Anti-Deus ou Deus-do-Mal, e os anjos decaídos como divindades paralelas, capazes de competirem com Deus. (MANGENOT, 1911, p. 323 in PIRES FILHO, 1984, p.22)

De acordo com o teólogo católico, o Diabo é desde sempre o responsável pelos infortúnios terrenos. Entretanto, se Moisés revelasse essa parte dos fatos, o povo escolhido poderia confundir o adversário de Deus, criatura desprezível, com uma entidade a ser idolatrada ou temida. A leitura do *AT* apresenta um Deus único e poderoso, para o qual a

idolatria a qualquer outro ser representa uma ofensa imperdoável. Basta lembrar o episódio do bezerro de ouro.

Independentemente da teologia católica, a ideia que sobrevive na primeira parte da *Bíblia* é esta: não há polarização entre um demiurgo benevolente e outro maléfico. Prepondera a concepção de que as coisas boas e ruins são decorrentes dos desígnios e da permissão de Iahweh.

O Deus promotor do Dilúvio, justificado pela frustração com a humanidade, é o mesmo que concede a maternidade para Sara. O Deus que institui as leis, dentre as quais determina “não matarás”, é o mesmo que permite a queda de aproximadamente três mil homens na matança ordenada por Moisés em seu nome. Assim, tudo provém de Deus.

Portanto, se Iahweh é o criador de todas as coisas, incluindo o mal, Satanás seria apenas um obediente servo? Nos livros bíblicos do AT, há duas versões hebraicas sobre sua atuação: uma de que ele estava a serviço de Deus e a outra de que ele é autônomo nos seus atos.

Retomando os fatos narrados na Bíblia,

É no Apocalipse, entretanto, escrito em torno do ano 100 d.C, que finalmente é estabelecida a conexão entre a revolta de Lúcifer, a queda dele e da terça parte dos anjos, a queda de Adão e Eva e o episódio da serpente no paraíso, a tentação de Jesus e o grande Armagedon – a batalha final do bem contra o mal. (FERRAZ, 2012, p.29)

Considerando essa analogia, vamos rever os episódios que envolvem essas personagens nos livros que contam a Antiga Aliança de Deus com a humanidade.

(...) o Velho Testamento exhibe uma grande variedade de personagens que, separadamente ou em conjunto, contêm as sementes do futuro Príncipe das Trevas, embora tais figuras nunca tenham aspirado ao papel que ele cumpriu mais tarde como apoteose do mal. (STANFÖRD, 2003, p. 25)

Conforme se lê no *Gênesis*, há a formação do jardim no Éden, local onde Adão será colocado imediatamente após Iahweh soprar-lhe as narinas, dando ao homem o fôlego da vida (Gn 2:7). Adão recebe como incumbência cultivar e guardar o jardim (Gn 2:15). Diante das maravilhas do local, Iahweh deu ao homem o direito de usufruir de

todas as coisas, exceto dos frutos de uma das árvores, conforme se lê em *Gênesis*, capítulo 2, versículos 16 e 17:

E Iahweh Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres terás que morrer. (GÊNESIS 2:16,17)

A sequência narrativa é marcada pela formação da companhia de Adão e o aparecimento oportuno do animal caracterizado como o mais astuto dentre os seres criados: a serpente. Este trecho, que possivelmente é o mais conhecido de toda a narrativa bíblica, apresenta o encontro e o diálogo entre a mulher e a serpente:

Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comerás, nem tocareis nele, para que não morrais. Então a serpente disse à mulher: É certo que não morreréis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal. Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe o fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu. (GENESIS, 3:1,6)

Com a ingestão do fruto, homem e mulher percebem-se nus e escondem-se ao serem chamados por Iahweh. Diante da situação, este pergunta ao casal sobre a desobediência, que, ao ser confirmada, leva à punição dos envolvidos: a serpente, a mulher e o homem.

Dado o desfecho, encontra-se, linearmente, no segundo e terceiro capítulo do *Gênesis*: a criação, a ordem de Deus a Adão, a tentação da serpente para a transgressão humana, a desobediência da criatura, a punição divina e a queda do homem.

É a “quedá” que introduz a metáfora jurídica que vai persistir ao longo de toda a Bíblia, segundo a qual a vida humana está em julgamento, como promotores e defensores. Nesta metáfora, Jesus é o líder da defesa; o acusador-chefe é Satã, o “diabolo”, uma palavra da qual deriva a nossa “diabo”, e que originalmente guardava o sentido de uma pessoa oposta outra, num processo legal. (FRYE, 2004, p. 140)

Interessa-nos, para fins de nosso estudo, localizar a participação da serpente no episódio. Verifica-se que ela, falante, inicia a conversa com a mulher perguntando sobre a possibilidade de esta poder provar de todas as árvores do jardim.

O animal poderia perguntar acerca do uso dos rios ou sobre os privilégios da dominação exercida pelo homem em relação aos outros animais. Entretanto, situa sua pergunta exatamente sobre aquilo que lhes fora ordenado para não experimentar. É assim a intervenção que a serpente faz à criatura recém concebida e, por isso, vulnerável.

Diante da interrogação, a mulher prontamente responde e informa para a sagaz criatura a restrição feita por Iahweh. Dotada das informações dadas pela própria mulher, a serpente refuta as palavras do criador e incentiva a violação.

Analizando apenas o texto, não há como certificar se a serpente aproxima-se do humano para levá-lo à desobediência ou é se oportunista diante do fato apresentado pela mulher. Evidencia-se, a eloquência do animal, uma vez que a mulher sucumbe à tentação, tomando o fruto e oferecendo ao marido que, por sua vez, come-o desconsiderando a ordem de Iahweh.

Ao ser indagado, o homem atribuiu a culpa à esposa que o Senhor havia lhe dado e a mulher, por sua vez, acusou a serpente de ter-lhe entregue o fruto. Observamos que a serpente, embora recebendo punição, como ocorre com a mulher e o homem, ao contrário dos dois, não profere uma palavra ao criador e tampouco faz alguma acusação. Além das punições individuais, do episódio resulta a expulsão do homem do jardim (Gn 3:23). Ressalta-se que o homem é deportado, mas nada é mencionado quanto ao destino do animal.

A explicação advém de uma fala do próprio Iahweh quando afirma: “Depois disse Iahweh Deus: ‘Se o homem já é um de **nós, versado no bem e do mal**’¹⁰, que agora ele estenda a mão e colha

¹⁰ Neste trabalho, os negritos encontrados nas citações são de nossa autoria.

também da árvore da vida e coma e viva para sempre!” (Gn 3:22) Haja vista que Iahweh profere essas palavras na presença das três criaturas: a serpente, o homem e a mulher, dos quais os dois últimos são humanos que não tinham conhecimento do bem e o mal, o pronome pessoal refere-se a ele e à primeira criatura.

A serpente do *Gênesis* é, portanto, um ser criado por Iahweh, com liberdade para circular livremente pelo jardim, dotada de persuasão, incentivadora da desobediência humana, a par da função da árvore do conhecimento e dotada deste.

No estudo de Ormino Pires Filho, *O Demonismo em Grande Sertão: Veredas*, o autor apresenta a síntese:

(...) o modo de agir da serpente revela que existe por trás dela um ser superior, espiritual e invisível. A serpente é um mero portador daquele que mais tarde receberá o apelativo de diabo. Afora essa menção, não encontramos mais em nenhum outro livro do Pentateuco qualquer referência ao tentador ou ao diabo. (PIRES FILHO, 1984, p. 22)

Mais adiante, agora sob a denominação de Satanás¹¹ e com status bem mais elevado do que a rastejante criatura do *Gênesis*, o Diabo vai contracenar novamente com Deus.

Todavia, se no *Gênesis* a serpente cala-se diante do Criador, Satanás é falante e consegue até mesmo persuadir Deus a testar um dos seus servos em *Jó*. Este é considerado o livro canônico da Bíblia mais ousado no que se refere à aparição de nosso tema. Conforme Cousté (1997, p. 157) “em nenhum dos livros canônicos da Bíblia aparece visão tão complexa e especulativa do Diabo como no prólogo do Livro de Jó.”

Vamos à narração do episódio:

¹¹ Utilizamos aqui o termo Satanás por constar essa designação na tradução para língua portuguesa de João Ferreira de Almeida. Entretanto algumas traduções apresentam a denominação Satã. Tanto este quanto aquele nome são oriundos do termo hebraico stn, cuja tradução literal é oponente. Segundo Stanförd (2003, p. 37), o termo stn é recorrente no Antigo Testamento e na língua inglesa foi traduzido de formas diversificadas: em I Reis (1:14) é o inimigo e em Números 22:22 representa o anjo de Iahweh. Em língua portuguesa, confirma-se a mesma tradução.

Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante a Iahweh, entre eles veio também **Satanás**. Iahweh então perguntou a Satanás: “Donde vens?” – “Venho de dar uma volta pela terra, andando a esmo”, respondeu Satanás. Iahweh disse a Satanás: Reparastes no meu servo Jó? Na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto, que teme e se afasta do mal.” Satanás respondeu a Iahweh: É por nada que Jó teme a Deus? Por ventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Abençoastes a obra de suas mãos e seus rebanhos cobrem toda a região. Mas estenda tua mão e toca nos seus bens; eu te garanto que te lançará maldições em rosto. Então Yahweh disse a Satanás: “Pois bem, tudo o que ele possui está em teu poder, mas não somente sua mão contra ele.” E Satanás saiu da presença de Yahveh. (JO 1:1,12)

A partir daí, Satanás recebe a autorização de Deus para tocar em tudo o que pertence ao fiel servo que dá nome ao livro. Este perde bens, animais, empregados, filhos e filhas, tem o corpo tomado por tumores malignos, recebe acusações, é repreendido por seus amigos e participa de um tenso debate com Deus.

A grande questão nessa narrativa tem como tema a justiça divina. Nossa intenção, entretanto, é analisar apenas a atuação de Satanás que, como já dissemos, ocupa a figura de acusador da humanidade diante de Deus. Isso porque, “em face de suas próprias atribulações diárias, Jó representa a humanidade que está à procura de uma resposta para o sofrimento e o mal.” (STANFÖRD, 2003, p. 40).

Assim, Satanás, quando propõe um teste à fidelidade de Jó, o representante da humanidade no livro, coloca em cheque a parte representada, ou seja, a própria humanidade. Desse modo, Satanás é, sim, o acusador e grande adversário dos homens.

A novidade no livro, entretanto, não é essa. Aqui fica explícito que Satanás não age por conta própria. Ele tem a permissão divina para atuar e só executa as ações permitidas por Deus, não se excedendo. Satanás em *Jó* não é aquele anjo que extrapola e se rebela. Parece antes um vigia da terra, que tem livre trânsito por ele e pela corte celeste.

Satanás não é o anjo caído que foi expulso do paraíso, o inimigo cósmico de Deus. Aqui ele é

retratado como um dos membros do conselho divino de Deus, um grupo de divindades que regularmente reportam a Deus e, evidentemente, percorrem o mundo fazendo a sua vontade. (EHRMAN, 2008, p. 148)

Evidentemente esse riquíssimo livro, extensamente trabalhado por teólogos, críticos literários e filósofos renderia uma discussão muito mais extensa. Entretanto, dado nosso objetivo, interessa-nos a análise já apresentada da participação de Satanás. Segundo Stanförd (2003, p. 43), “embora Satã seja introduzido em *Jó*, isto não significa que as suas páginas o coloquem como uma espécie de lado maléfico de Jeová.” Fica evidente que a figuração de Satanás, participante da corte celeste, se dá como acusador e inimigo dos homens.

Para os estudiosos da *Bíblia*, a representação de Satã, como inimigo dos homens, é um advento do pós-exílio, quando se havia a necessidade de encontrar uma explicação para o que acontecia de ruim ao povo. “O livro de *Jó*, (...) data de uma época anterior ao exílio, mas os estudiosos de hoje acreditam que ele tenha sido escrito depois daquele evento e que sofreu adições e emendas subsequentes.” (STANFÖRD, 2003, p. 27)

Assim, por vários anos, muitos leitores atribuíram a Satanás os sofrimentos de Jó. Entretanto, se Deus assim não o consentisse, Jó não sofreria. (EHRMAN, 2008, p. 151). Por isso, recentes estudos apresentam a tese de que Satanás, na verdade, deseja colocar a humanidade contra Deus, tornando-se de uma vez o acusador da humanidade.

Especulamos uma possível vingança entre criaturas que, na intenção de uma mostrar-se mais fiel a Deus, desejam secretamente proporcionar a queda uma da outra. Recuperando o diálogo entre Deus e a mulher, verifica-se que esta acusa o ser rastejante pelo acontecido. No *Genêsis*, a mulher é a grande acusadora da serpente, culpando-a pela oferta do fruto. Por outro lado, em *Jó*, Satanás torna-se o grande acusador e adversário dos homens. Deus, soberano, é o grande disputado. Assim, Satanás e a humanidade se justapõem: ambos desejam ser a criatura preferida de Iahweh.

Entre esses dois livros bíblicos, há uma aproximação que não se pode desprezar. Se considerarmos a função da serpente e de Satanás, ambas as aparições materializaram-se para levar o homem à desobediência. Obstruir o homem da relação de submissão a Deus é uma tentativa de promover a ruptura da aliança proposta no *AT*. Assim,

Satanás faz jus ao significado que origina a palavra hebraica satã, alguém que é um obstáculo, uma pedra no caminho. (BLOOM, 2008, p. 18)

A concepção de que Satanás é o grande obstáculo da humanidade é reforçada em *Zacarias* e *Sabedoria*.

O crescente interesse pela sua figura, logo após o período do exílio, é confirmado pela sua aparição no Livro de *Zacarias*. Nesse livro, Satã é mais uma vez adversário da humanidade, e não de Deus, como acontece no Novo Testamento, e nele também está presente toda a corte celeste, com Satã entre os seus membros. (STANFÖRD, 2003, p. 43)

O episódio a que Stanförd faz menção é o da quarta visão: o sumo sacerdote Josué. Nele, Satanás está à mão direita para opor-se ao o sumo sacerdote, quando Anjo de Yahweh lhe diz: “Que Yahweh te reprima, Satã”(Zc 3:2). Segundo a leitura de Satanförd, este trecho bíblico ilustra a ousadia de Satanás.

Isto só aconteceu porque Satã havia se excedido em busca por homens injustos. Embora isso seja bastante tangível a imagem de um Satã que transgride seus limites, tentando mesmo escapulir de tudo, o fato é que esta ideia não predomina no Velho Testamento. Ela só floresceu na série, de livros extraordinários que evoluíram a partir das Escrituras Hebraicas como produto da angústia nacional que afligiu os israelenses depois do exílio, apesar de ter sido excluída do cânone pela tradição.(STANFÖRD, 2003, p. 43,44)

Segundo Blomm (2008, p. 19), *Zacarias* é o livro em que “Javé repreende Satã por abuso de poder, mas não o destitui do seu ofício de Acusador.” Ou seja, Satanás ainda está a serviço de Deus, como em *Jó*.

E ele parece ir pouco a pouco ampliando seu poder e sua desobediência em relação às ordens divinas. O livro de *Crônicas* apresenta sutilmente a intervenção solitária de Satanás. Referimo-nos à passagem do recenseamento, feito pelo rei Davi.

Satã, um tanto ambigualmente, parece atuar independentemente de Deus, quando o rei Davi

comete um erro espetacular e realiza um recenseamento, estimulado por Satã e supostamente contra a vontade de Deus. (BLOOM, 2008, p. 47)

Crônicas, escrito depois de *Zacarias* e *Jó*, representa a inserção de uma nova concepção de Satanás: “As *Crônicas* datam do início da era helenística, (...) . Assim, em mais ou menos dois séculos, Satanás mudou de atribuições; já não age de acordo com Deus, mas por conta própria.” (MESSADIÉ, 2001, p. 300)

Em tempo, é preciso fazer menção a única citação do nome Diabo no *Antigo Testamento*, presente no livro da *Sabedoria* capítulo 2, versículo 22 a 24, grafada com a inicial minúscula:

Eles ignoram os segredos de Deus,
 não esperam o prêmio pela santidade,
 não crêem na recompensa das vidas puras.
 Deus criou o homem para a incorruptibilidade
 e o fez imagem de sua própria natureza;
foi por inveja do diabo que a morte entrou no mundo:
 experimentaram-na quantos são de seu partido!

A autoria do livro é discutida. Enquanto na obra de Stanförd (2003, p.46) credita-se a escrita a um judeu helenizado no século I a.C., cujo objetivo era “protestar contra os valores ímpios que, no seu modo de ver, imperavam naquela cidade”, a Bíblia de Jerusalém aponta Salomão como suposto autor. Trata-se de um livro deuterocanônico, com originais escritos em grego. As versões bíblicas de grupos protestantes não o incluem, mas as versões autorizadas pela Igreja Católica comportam o título. “São Jerônimo, o padre do quarto século que inspirou a Vulgata com sua tradução do *Novo Testamento* para o latim, considerava o Livro da Sabedoria como perigoso e fora dos limites.” (STANFÖRD, 2003, p. 45-46)

Porém, como estamos aqui retomando todo o percurso bíblico do Diabo, não poderíamos deixar de realizar a leitura desse livro. Afinal, é nele que se encontra a prefiguração do que mais tarde será recorrente nas cartas dos apóstolos no *NT*: a polarização entre o bem e o mal.

Sua inserção, no entanto, não chega a substituir a imagem veiculada no *AT* de um Deus soberano que rege as coisas que acontecem para a humanidade. É de acordo com os seus mandos que o homem recebe bonança ou desgraça. Não há ainda alguém que possa ser

identificado como a personificação do mal, tão evidentemente, como acontecerá com o Diabo no *NT*.

Por outro lado, é inegável que Satanás tem uma função muito bem definida: testar a fidelidade da humanidade. Assim, seja como um servo eficiente, que faz exatamente o que é permitido, ou como um empregado eficaz, que extrapola seus limites no intuito de receber gratificações, o Diabo no *AT* é o oponente da humanidade.

2.2 O DIABO NO NOVO TESTAMENTO: A PRESENÇA CONSTANTE DO INIMIGO

A leitura do *AT* encerra-se sem evidências irrefutáveis de que Satanás, a serpente ou o Diabo seja o adversário de Deus. Embora com algumas aparições suspeitas, como em *Crônicas e Sabedoria*, revela-se, sobretudo, sua ânsia de atuar como acusador dos homens.

O *Novo Testamento* marca a história da nova aliança que Iahweh faz com a humanidade. Sua leitura é mais difundida no Ocidente do que o *AT* porque o cristianismo, religião mais representativa do mundo Ocidental, fundamenta seus dogmas centrais a partir do que está escrito na segunda parte da Bíblia.

Mais constante, o aumento de aparições do Maligno é proporcional as novas características que ele assume. No *NT*, a primeira proposta, de que Satanás age de acordo com os desígnios de Deus, se extingue e o que vemos é um Diabo opositor à criação e a Iahweh (Deus Pai e Deus Filho, o Verbo encarnado).

Aliás, o *NT* não tarda ao registrar essa concepção. Estamos nos referindo ao evangelho de Mateus, que apresenta, logo em seus primeiros capítulos, a tentação ao Redentor dos cristãos. O episódio demarca bem a relação de conflito entre as partes: Jesus, de um lado, e o Diabo, de outro.

Entendendo a Bíblia como livro sagrado dos cristãos, seguidores do Cristo Jesus¹², inaugura-se assim a ideia central do cristianismo: o

¹² Empregamos o termo Cristo ao nome Jesus, pois é assim que a tradição cristã o denominada e mais fortemente tem participado da cultura no Ocidente. Contudo é preciso ressaltar que o significado que a palavra Cristo assume não é exclusiva do cristianismo. Conforme Cousté (1997, p. 165) “Em atenção a isso, é necessário separar – como, aliás, o fazem atualmente todos os historiadores sérios das religiões – o conceito de Cristo da figura de Jesus: o Cristo, que, como demiurgo redentorista, não é exclusivo do cristianismo (lembremos de passagem Mitra, o Prajapati hindu, o Saoshyant do zoroatrismo), tem sua

paralelismo estabelecido entre Bem (representado pelo Deus encarnado, Jesus) e Mal (sob a figuração do Diabo). É por isso que, além de o *NT* demarcar para os cristãos uma Nova Aliança entre Deus e a humanidade, há, concomitantemente, a designação clara do inimigo a ser combatido: o Diabo.

Depois da narração desse encontro, as aparições do demiurgo em questão tornam-se recorrentes. Raros são os livros que não citam a influência do Diabo na caminhada da humanidade. Diante disso, elegemos alguns momentos que ilustram o percurso bíblico do Diabo no *NT*.

Em tempo, ressaltamos que essa análise não inclui a retomada das possessões demoníacas, erroneamente vinculadas ao Diabo bíblico. Muitas vezes, o termo demônio permanece como sinonímia perfeita da palavra Diabo. Contudo, os evangelhos não estabelecem essa relação, conforme se verifica:

Nos evangelhos, diabo ou Satanás são masculinos, vem sempre escritos no singular e costumam vir procedidos de artigo definido. Sua principal função é seduzir, tentar e induzir ao pecado. (...) Demônios não se relacionam com pecado ou tentação, e sim, infringem males físicos ou psíquicos às pessoas. Os demônios agem através da possessão e o diabo, através da sedução e tentação! (WEGNER, 2003, p. 89)

Por conta dessa diferença e considerando a extensa biografia diabólica que podemos identificar na *Bíblia*, vamos restringir nosso estudo considerando as funções que as páginas do *NT* designaram a ele: adversário de Deus, tentador dos homens e, por fim, a divisão entre Reino do Bem e Reino do Mal.

2.2.1 Houve peleja no Céu: a revelação do inimigo de Deus

Se a Bíblia é a mais influente obra do mundo Ocidental; a leitura do livro do *Apocalipse*, a mais temerosamente desejada. A possibilidade de encontro com esse texto esteve vinculado, desde sempre, a um conteúdo proibido. A política de disseminação da cultura do medo no

contraparte, sua justificação e seu paredro no Diabo, como Vishnu em Shiva ou Osiris em Seth.”

Ocidente contribuiu para a crença de que a leitura e interpretação dos fatos ali expostos levariam seu interlocutor à loucura, causando a escassez de estudos publicados acerca do também chamado *Livro da Revelação*.

Quando a mente dos cristãos já estava bastante atormentada, por medo do Diabo, uma certeza pairou sobre o mundo:

no fim do século IV, tanto no Oriente quanto no Ocidente, os cristãos concordavam em que a queda do homem não foi mais que um episódio na história de um prodigioso combate cósmico, iniciado antes da Criação, quando uma parte das falanges celestiais havia revoltado contra Deus, sendo então precipitada dos céus. (NOGUEIRA, 2000, p. 29)

Contextualizando a batalha, Agostinho é o precursor desta ideia: “Adão e Eva foram criados por Deus a fim de substituir os anjos caídos.” (BLOOM, 2008, p. 55). Assim, embora disposta no último livro bíblico, o embate situa-se cronologicamente antes da criação, narrando-se: “Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles.” (APOCALIPSE, 12, 7-9)

É verificável que os anjos do céu tiveram um combate, duelando entre seus pares, de um lado os liderados por Miguel em oposição àqueles seguidos pelo dragão. Como resultado, houve a precipitação deste e dos seus. É desse modo que “sua historia (do Diabo), resgatada pelo Novo Testamento, é a do anjo decaído, expulso do céu, e metamorfoseado em rival de Jeová.” (STANFÖRD, 2003, p. 44).

Corroborando com a ideia do Diabo como opositor de Iahweh, em Mateus, Marcos e Lucas, Satanás é o grande tentador que quer tirar Jesus do caminho da ressurreição. Primeiro ao conduzir Jesus ao deserto (Mt 4:1,11), depois quando Jesus prediz a sua morte e ressurreição aos discípulos e Pedro reprova seus planos dizendo: “Tem compaixão de ti, Senhor.”. Ao passo que Jesus responde: “Arreda, **Satanás!** Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens” (Mt 16:23). Nos evangelhos, o Diabo representando ser pedra, um obstáculo na maior missão de Jesus, o Verbo encarnado, confirma-se, portanto, como inimigo do próprio Deus.

Há outros episódios que evidenciam as constantes tentativas de desviar o Salvador da crença na redenção. Em Lucas, Jesus reconhece que foi tentado e que seus discípulos o acompanhavam: “Vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações”. (Lc 22:28). E há um episódio que pode ser entendido com a derrota de Jesus diante do mal: “Diariamente, estando eu convosco no templo, não puseste a mão sobre mim. Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas”. (Lc 22: 53). As trevas no *NT* estão relacionadas a Satanás, conforme se lê em *Atos* 26:18.

Também entendido como inimigo, em João, a grande missão de Satanás é trair Deus. Na última ceia com seu discipulado, há a narrativa que o diabo coloca-se no coração de Judas Iscariotes para que **traísse** a Jesus (conforme Jo 6:64). Soma-se a essa ideia, as palavras: “(quem trairá) é aquele a quem eu der um pedaço de pão molhado. Tomou pois o pedaço de pão e, tendo molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. E, após o bocado, imediatamente, entrou nele Satanás.” (Jo 13: 26,27).

É assim, narrado nos evangelhos como traidor e tentador de Jesus e presente no *Apocalipse* na forma de um dragão pelejando contra os fieis anjos do Senhor, que o Diabo no *NT* faz sua estreia como adversário de Iahweh. É desse modo também que ele se cristaliza no imaginário de todo Ocidente, especialmente quando os pais da Igreja justificam a existência da maldade no mundo.

2.2.2 O espinho na carne

Na Idade Média e Moderna, quando houve o apogeu do medo do Diabo no Ocidente, difundiu-se que o homem estava no meio da batalha travada entre Deus e o Diabo. Segundo os discursos oficiais da Igreja Católica, este quer cada vez mais aumentar seus seguidores, desvirtuando-os dos desígnios do Deus caridoso do *NT*.

A ideia não nasce naquele momento histórico, porém. Essa mesma concepção já havia sido veiculada em boa parte das cartas atribuídas aos discípulos Tiago, Pedro, João, Judas, irmão de Tiago, e Paulo (Saulo de Tarso), que se tornaram parte da versão canônica da *Bíblia*. Essas epístolas revelam mais fortemente qual a concepção que os primeiros cristãos tinham do Inimigo e como a repassavam para os povos cristianizados. Dado o caráter catequético e normativo das cartas, estas revelam o que pensavam os colaboradores da *Bíblia* sobre a atividade do Maligno.

Na maioria das quatorze cartas de Paulo, há menção ao poder de Satã. Nelas revela-se que o Adversário tem a competência de condenar (I Tm 3,6), promover a queda do homem (I Tm 3,7), derrotar pelo poder da morte (Hb 2,14), repreender (I Cor 5,5) e tentar (I Cor 5,7), podendo mesmo recorrer a disfarces para conquistar os homens (II Cor 2,10). Segundo Stanford (2003, p.58), “Paulo escreve muito sobre o Diabo e do seu papel no mundo, descrevendo-o na sua função de dismantelar a moral e provocar desastres.” Contudo, “nunca se sabe se o Satanás de Paulo é o colaborador de Deus, encarregado de pôr os homens à prova, ou então inimigo confesso de Deus.” (MESSADIÉ, p. 327)

De todo modo, o que fica evidente nessas epístolas é que o Diabo se coloca como força contrária ao homem, em seu caminho de salvação eterna. Em Paulo, não interessa situar se Satanás é autônomo em seus atos ou recebe autorização divina para testar a humanidade, como em *Jó*. Os cristãos convertidos precisariam apenas resistir-lhe às tentações. Reforça-se, portanto, a concepção de obstáculo da humanidade já vislumbrada no *AT*.

2.2.3 Reino do Bem X Reino do Mal: a polarização das virtudes

De acordo com Nogueira (2000, p.26), é com o advento do cristianismo que se apresenta a polarização ente o reino de Cristo e o reino do Diabo. Iahweh envia seu filho para fazer uma nova aliança com os homens e o Diabo, como pai da desobediência, desempenha a função de tentá-los para esvaziar a doutrina cristã.

A polarização entre Reino do Mal em oposição ao Reino do Bem é uma concepção especialmente desenvolvida nos livros atribuídos ao discípulo João: o evangelho segundo João, as duas epístolas de João e o *Apocalipse*.

João se interessa muito mais pela figura do Diabo propriamente dita. Dos quatro evangelhos, o de João é o mais dualista, antecipando o ápice da batalha entre Deus e o Diabo que está no Livro da Revelação. (STANFÖRD, 2003, p.67)

Essa visão dualista é o que chamamos aqui de polarização entre os dois reinos. Para o evangelista, onde há o registro do diabo como pai da mentira, príncipe deste mundo e suicida deste o princípio, os homens poderiam pertencer a um dos reinos.

A oposição entre aqueles que são do Pai, ou seja, pertencem ao

reino dos justos, e do Diabo, assim sendo do Príncipe deste mundo, são muito bem demarcadas em suas epístolas. João é taxativo ao mencionar a separação dos homens que pertencem a cada um dos lados. Assim,

Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo. (...) Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo aquele que não pratica a justiça não procede de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão. (I Jo, 3,8-10)

Em Mateus há também essa divisão. Nesse evangelho, fala-se em separação e julgamento. Segundo o evangelista, anjos virão e separarão os justos dos ímpios e jogarão estes numa fogueira acesa, provocando choro e ranger de dentes. (Mt 13: 41 e 49). Para ele, acontecerá grande julgamento há uma corte celeste: Jesus e seus anjos separarão as ovelhas a sua direita e os cabritos a sua esquerda (Mt 25:31, 46).

A distinção entre as partes é acentuada também no evangelho segundo Lucas. É nele que se afirma: a porta do reino é estreita e quem ficar de fora não poderá entrar e haverá choro e ranger de dentes (Lc 13, 22). O critério para ficar de fora do reino de Deus é se apartar do Senhor e praticar iniquidades. Ou seja, não nascem bons ou maus. Todos no princípio são de Deus, depois é que se apartam, por meio de condutas inadequadas.

Fica em aberto nesse evangelho se os homens separam-se das virtudes de Deus levados por alguma entidade maligna ou se, por conta própria, realizam coisas injustas que os levam aos maus caminhos.

Os evangelhos sinóticos deixam, portanto, em aberto a questão de como o diabo se enquadra no Plano Divino de um Deus onipresente e onisciente e de como ele foi indispensável para a ocorrência da paixão, da morte e da ressurreição de Cristo. Não está completamente descartada a possibilidade de que o Diabo poderia ser um servo sombrio de Deus como tentador da humanidade, à maneira do que fez com Jó, embora os escritos do apóstolo João e do seu círculo tenham considerado improcedente qualquer tipo de sugestão. (STANFÖRD, 2003, p. 66)

Ainda sem responder a essa questão, nas cartas de Tiago e Pedro, a dicotomia Bem X Mal é notável, porém os fiéis recebem algumas recomendações para que o Diabo seja espantado, representando ser menos temível do que aquele apresentado por Paulo.

Na carta de Judas, apresenta-se sob a forma de recomendação uma conduta prudente contra Satanás. Seu autor faz uma analogia, aconselha aos fiéis que combatam pela fé e não pratiquem nenhum tipo de repressão a Satanás: “Mas quando o arcanjo Miguel, discutindo com o Diabo, disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar contra ele juízo de maldição, mas disse: O Senhor te repreenda!” (Jd 1,9).

Diante da explanação, cuja proposta previa o entendimento das principais aparições bíblicas do Diabo, podemos identificar que o demiurgo, a partir do *NT* é o responsável pelo mal. E é assim que sua imagem se cristaliza no Ocidente. Assumindo as funções de acusador e inimigo da humanidade, adversário invejoso de Deus. O Maligno passa a ser com o advento do cristianismo a razão para o mal no mundo.

3 LITERATURA DE FOLHETOS: A POESIA POPULAR EXPRESSA NA MODALIDADE ESCRITA

A literatura de folhetos do nordeste está inserida na cultura local desde a chegada das primeiras prensas, que proporcionaram a comercialização dos versos cantados, e perpetua como arte coletiva até os dias de hoje. É uma das formas legítimas de registro da literatura oral que emana do povo e, por isso, fonte de pesquisa para os que empreendem seus estudos no registro do imaginário popular.

Atualmente, com méritos tardiamente conferidos, a literatura de folhetos nordestina não precisa mais justificar-se para receber atenção na academia. De 1970 para cá, um número crescente de pesquisadores estudam e propõem teses acerca das origens, características poéticas, organizações temáticas, ciclos, autores e demais elementos dessa arte literária. Iniciativas que proporcionam às novas pesquisas, além de um respeitável material para consulta, a garantia de um espaço já conquistado.

Situado no ramo de estudos denominado Teopoética, este trabalho toma o folheto enquanto veículo de representação da inquietação humana, incansável na busca de respostas acerca de sua existência. Para tanto, baseamo-nos em Kuschel (1997, p. 9), para quem “as grandes obras de arte, por seu caráter livre e indeterminado e por sua capacidade de representar a multiplicidade da existência humana, podem colocar o homem em contato intenso com o que está além dele.”

É nessa perspectiva que faremos a análise da concepção do Diabo ridicularizado na literatura de folhetos do nordeste. Para tanto, começaremos pontuando algumas peculiaridades do material em estudo.

3.1 FOLHETOS: INFLUÊNCIA E SUPERAÇÃO DO RELIGIOSO

Em termos de pesquisas acadêmicas, não é a primeira vez em que a literatura de folhetos aproxima-se da teologia. Estudos comparativos sobre a representação de livros e personagens da *Bíblia* fazem parte de teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso e artigos científicos. Lendo-os podemos inferir que a expressiva quantidade de temas bíblicos e da teologia católica é o que instiga o interesse dos pesquisadores.

De fato, são muitos os cordéis que já no título denunciam a representação de algum elemento religioso. Tanto que Diégues Jr. faz a seguinte afirmação:

Talvez se possa dizer sem muita margem de erro ser este – o de religião e, em particular de vida de santo – o tema mais antigo nos folhetos populares. A tradição religiosa, em época em que os meios de comunicação não eram aperfeiçoados, mas ainda rudimentares, encontrou no folheto um intermediário para a difusão das ideias religiosas; (...). (DIÉGUES, 1973, p. 60)

De acordo com essa leitura, portanto, é possível entender que o folheto caracteriza-se como um importante suporte de mediação entre as ideias religiosas e seus leitores. Assim, considerando a formação essencialmente cristã e predominantemente católica do Brasil, incluindo a região nordestina, o folheto torna-se, então, um porta-voz dos dogmas católicos.

Como transmissora da ideologia eclesiástica para o povo, é natural que a literatura de folhetos seja abundante em amostras do religioso e que a representação de suas personagens assuma as funções e sejam retratadas com fidelidade ao catecismo e liturgia católica.

Considerando essa influência, é importante ressaltar, entretanto, que não se pode reduzir a escrita popular nordestina à mera reprodução dos ideais católicos. Iza Chain, na publicação *O Diabo nos Porões das Caravelas*, defende a tese de que o Diabo nas terras brasileiras não é a mera reprodução do que o catolicismo imposto pelo povo português queria impor. Devido à miscelânea de crenças dos diferentes povos indígenas somadas às outras imigrações, o Diabo europeu, que demonizava muitos dos hábitos e crenças locais, não foi assimilado pelos brasileiros. “A homogeneidade pretendida pelo modelo de Cristianismo trazido pela igreja lusitana não encontrava eco na heterogeneidade da colônia brasileira (...)” (CHAIN, 2003, p. 122)

Além dessas inclinações religiosas impostas, o folheto apresenta as inquietações humanas dos grupos que o produzem, revelando a *apreensão mais densa da realidade* (conforme Kuschel, 1999, p. 210). É por conta disso que em nossa análise, além de verificar o que migra do Diabo bíblico para o folheto, buscaremos identificar quais novos elementos o folheto adiciona ao tema. Queremos estudar qual a experiência de Diabo que o gênero apresenta aos seus leitores. Afinal, se por um lado “os homens fazem de acordo com os seus gostos e costumes o seu céu.” (BARROSO, 1921, p. 487), inquieta-nos saber como a cultura popular nordestina apresenta o seu Diabo.

3.1.1 O Diabo e a literatura de folhetos

Como citamos, os enredos e personagens religiosos acompanham a história dos folhetos, e o tema em estudo, o Diabo, contribui para isso. Quem visita o nordeste e para diante de um ponto de venda de folhetos dificilmente não encontrará um, pelo menos, que fale sobre o Diabo. A personagem é tão popular no nordeste quanto essa literatura.

Os mais famosos versos sobre a personagem retratam-na de forma engraçada, contribuindo com a fama internacional de ridículo que a literatura popular passou a lhe atribuir. Delumeau (1989, p. 240) faz as seguintes considerações a respeito da representação do Diabo na Europa: “ao mesmo tempo sedutor e perseguidor, o Satã dos séculos XI e XII certamente assusta. No entanto, ele e seus acólitos são por vezes tão ridículos ou divertidos quanto terríveis: por isso, tornam-se progressivamente familiares.”

No Brasil, os folhetos mais vendidos sobre o Diabo são aqueles em que lhe conferem um tom mais leve e engraçado. Dentre os títulos que são emblemáticos em todo o nordeste, podemos citar *A Chegada de Lamião no Inferno* e *Peleja de Manuel Riachão com o Diabo*.

No primeiro apresenta-se, o Diabo como coadjuvante. Sua atuação no inferno é absolutamente engraçada, pois o aproxima de um administrador de uma loja de departamentos. Na história, ele é avaro e gerencia o inferno, com livro ponto, mercadorias e controle do fluxo de caixa.

Já no segundo, que apresenta inúmeras versões devido à apropriação indébita dos versos originalmente escritos por Leandro Gomes de Barros, apresenta-se o Diabo como adversário do homem, na forma do desafio cantado ou peleja. No folheto, ambos têm a vez de falar e, ao término, o homem sagra-se vencedor.

Essas duas obras são exemplos para ilustrar a participação engraçada que o Diabo faz no folheto. Além desses títulos, poderíamos citar muitos outros. Tanto que a maioria dos estudiosos propulsores dos ciclos temáticos da literatura de folhetos apresenta o ciclo do diabo logrado (CASCUDO, 2009). A repercussão dessa temática leva-nos a crer que os poetas populares colocaram seus versos desde sempre à disposição de uma interpretação mais leve do que seria o Diabo cristão.

3.2 AS PARTICULARIDADES DO FOLHETO NORDESTINO

Os folhetos começam a ser publicados no Brasil no final do Século XIX, mais precisamente no estado da Paraíba. Não se encontram

registros que afirmem com exatidão qual o primeiro autor que teve seus versos impressos. Pode-se citar, contudo, os nomes de Leandro Gomes de Barros, cujo folheto mais antigo que se tem notícia data de 1893, e Francisco das Chagas Batista¹³ como os precursores.

Antes mesmos desses, José Alves Sobrinho, um dos mais renomados pesquisadores da literatura popular do nordeste, atribui o início da literatura popular em versos a dois nomes: Silvino Pirauá Lima e Germano Alves de Araújo Leitão (Germano da Lagoa). Segundo Sobrinho (2003, p. 21,22) “ambos paraibanos, **escreviam** e cantavam ao som de suas violas, romances e pejejas (...). O que não sabemos e se chegaram a imprimir nestes tempos tais trabalhos.” Diante de tal afirmação, esses dois nomes são possivelmente os primeiros a colocar no papel os versos que outrora se apresentavam apenas na modalidade oral.

O fato é que embora atraísse público, cantar versos não era uma atividade remunerada. A impressão dos folhetos foi o que viabilizou aos poetas algum tipo de retorno financeiro.

A produção, de modo geral, iniciava-se da seguinte forma: os poetas escreviam e imprimiam seus versos, utilizando prensas manuais e a contribuição da mão-de-obra dos filhos e esposa, num sistema de empresa familiar. Depois partiam para a comercialização, participando de feiras em cidades e estados próximos a sua cidade de residência. Quando os exemplares esgotavam-se, eles voltavam a suas casas para escrever e editar mais folhetos. Muitos já chegavam ao lar com as composições criadas, obras feitas entre uma parada e outra durante a viagem de venda.

Quase nenhum desses poetas ganhava dinheiro pela composição dos versos, e sim pela comercialização dos folhetos, vendidos em feiras e mercados, nas estações de trem e de ônibus, nas festas nas fazendas e nas casas da cidade. Quando o estoque terminava, o poeta se cansava ou a saudade apertava, voltava para a casa para preparar um novo conjunto de folhetos. (ABREU, 2006, p. 61-62)

¹³ Os dois figuram entre os poucos poetas que não eram cantadores. A maioria dos autores de folheto utilizava como meio de divulgação a cantoria de uma parte de seus versos em festas e feiras, estimulando o comércio de suas obras.

Com o passar dos anos, o modo de comercialização transformou-se. Os poetas começaram a atender em pontos fixos de vendas, distribuindo composições próprias e de colegas. Em 1911, Francisco das Chagas Batista já vendia seus folhetos dessa forma. Segundo Abreu (2006, p.62), foi em meados do século XX que os folhetos passaram a ser vendidos de modo expositivo (colocados no chão das barracas, em bancas ou pendurados em varais).

Dentre outros fatores e, especialmente, por conta do modo de disposição, pendurados em varal, muitos pesquisadores passaram a aproximar os folhetos nordestinos à literatura popular vendida do mesmo modo em Portugal, lá nomeada como literatura de cordel. Entretanto tal denominação não era empregada entre os produtores e leitores dos folhetos brasileiros.¹⁴ A terminologia “cordel”, portanto, não fazia parte do vocabulário dos primeiros autores e leitores dos versos nordestinos, conforme se lê:

A expressão “literatura de cordel nordestina” passa a ser empregada pelos estudiosos a partir da década de 1970, importando o termo português que, lá sim, é empregado popularmente. Na mesma época, influenciados pelo contato com os críticos, os poetas populares começam a utilizar tal denominação.¹⁵ (ABREU, 1999, p. 17-18)

Mesmo com produção bastante significativa para os padrões editoriais brasileiros¹⁶, desde o surgimento do folheto já se preconizava seu declínio. A inserção de meios de comunicação no cotidiano do povo nordestino representava a especulação na queda das vendas de folhetos e, até mesmo, sua total extinção. Um dos principais motivos para isso

¹⁴ Marcia Abreu apresenta no livro *Histórias de cordéis e folhetos* o que ela mesma denominada como a condensação das ideias contidas em sua tese de doutoramento. A obra mostra o percurso da pesquisadora para desmitificar a cultura vigente até então, a literatura de folhetos nordestinos como uma herança europeia. Quem lê a obra tem acesso a uma infinidade de argumentos que, além de derrubar essa teoria, comprovam a genuinidade nordestina ao folheto.

¹⁵ Em coerência com a pesquisa de Marcia Abreu (1999), neste trabalho temos como preferência o uso da terminologia folheto.

¹⁶ Baseando-se nos dados apresentados por Marlyse Meyer em *Autores de cordel*, Marcia Abreu apresenta na obra *Cultura Letrada: literatura e leitura* a venda expressiva de folhetos, conforme lê-se: “Folhetos sobre a morte de Getúlio Vargas venderam 200 mil exemplares; sobre a renúncia de Jânio Quadros, 70 mil; sobre a morte de Lampião, 50 mil.”

provinha da particularidade das informações serem circuladas por meio da literatura de folhetos. Com a disseminação do jornal, acreditava-se que pouco a pouco o folheto ficaria obsoleto, conforme afirmou Sílvio Romero em 1879 na *Revista Brasileira*:

O povo do interior ainda lê muito as obras de que estamos falando; mas a decadência por este lado é patente: os livros de cordel vão tendo cada vez menos extração depois da grande inundação dos jornais. (ROMERO, 1977, p. 257)¹⁷

No nordeste, entretanto, mesmo com a difusão do jornal impresso, os folhetos continuaram em franca ascensão. Coexistindo com os jornais, os rumores sobre o fim da literatura de folheto não haviam cessado.

Já nas primeiras décadas do século XX, com chegada da energia elétrica e o rádio, os poetas foram bombardeados com previsões acerca o declínio na venda. O motivo não era infundado. É que, até então, as residências abriam suas portas para a declamação dos folhetos e cantorias, realizando verdadeiras festas literárias, denominadas serões. Era nesse espaço que muitos folhetos eram divulgados e, por isso, vendidos.

A própria vida familiar no Nordeste contribuiu para o “serão”, a reunião noturna em família. Em torno de um candeeiro, depois do jantar, na sala de visitas – fosse um engenho, uma fazenda, um sítio, não raro também numa casa na cidade – reuniram-se os membros da família. A falta de eletricidade fazia do candeeiro o ponto de convergência dos familiares: pais, filhos, irmãos, primos, etc. E a leitura de novelas, de histórias, de poesias, se tornava o motivo do encontro familiar. O alfabetizado da família era o leitor. E assim a história se divulgava. (DIÉGUES JR., 1973, p. 15)

¹⁷ A obra de 1977, *Estudos Sobre a Poesia Popular no Brasil*, da qual retiramos tal afirmação trata-se da 2ª edição de um estudo publico em 1888 pelo próprio Sílvio Romero. Ao fixar residência na capital carioca no ano de 1879, o folclorista publica na *Revista Brasileira* os estudos *A Poesia Popular no Brasil*. Em 1888, os textos foram reunidos em *Estudos Sobre a Poesia popular no Brasil*, sendo a obra original dessa 2ª edição, utilizada como referência bibliográfica em nosso estudo.

Com a chegada da energia elétrica e o rádio, entre as décadas de 20 e 30, as famílias deslumbravam-se com o aparelho, preferencialmente colocado na sala de visita, sinônimo de modernidade e *status*. Além disso, a energia elétrica possibilitava que os moradores da mesma casa ocupassem cômodos diferentes, modificando o hábito das reuniões de família em torno do candeeiro e diminuindo gradativamente a frequência dos serões.

Confrontando a lógica, a mudança de rotina promovida pelo ingresso do rádio e da energia elétrica não foi suficiente para acabar com a prática da escrita, comercialização e leitura dos folhetos. Os autores continuaram a vender bem, e o nordeste, pioneiro, consolidou-se como o maior produtor de folhetos do Brasil.

A partir da década de 50, outra ameaça surgiu: o ingresso do televisor nas residências. De forma gradual, as casas começaram a adquirir a novidade, infinitamente mais atrativa do que o rádio. Tudo fazia crer, aos críticos, que os dias da literatura de folheto no nordeste estavam contados novamente.

Essa ideia pode ser verificada no artigo de Manuel Diégues Júnior, *Ciclos Temáticos na Literatura de Cordel*, que compõe o caderno *Literatura Popular em Verso: Estudos Tomo I*, publicado pelo Ministério da Educação e Cultura/Fundação Casa Rui Barbosa, no ano de 1973: “No Brasil, apesar do jornal, ela (a literatura de folheto) continuou em pleno esplendor, **talvez só ameaçado em nossos dias com a difusão do rádio transistor e da televisão.**” (DIÉGUES JR., 1973, p. 5)

Passados quatro décadas dessa afirmação é possível dizer que a literatura de folheto continua a existir, sobrevivendo ao jornal, ao rádio, à televisão e, mais recentemente, às mídias digitais. Não vendo nesta uma adversária, os admiradores e autores do folheto acabam por aproveitar a *Internet* para divulgar folhetos inéditos ou manter acervos digitais.¹⁸

Em nossa concepção, essa resistência acontece graças à identificação que o público encontra na literatura de folhetos. Obviamente, isso não se dá ao acaso. O consagrado percurso de criação do poeta popular nordestino, que envolve considerações sobre a

¹⁸ Exemplo de acervo digital é a página na *Internet* da Fundação Casa Rui Barbosa, com a biografia de autores, folhetos digitalizados e divulgação de projetos de autoria dos poetas do cordel.

expectativa de recepção do leitor/ouvinte, é o grande diferencial dessa arte e, por isso, o segredo de sua permanência ao longo dos séculos.

3.2.1 Folheto: uma arte coletiva

É pertinente explicarmos como se dá a interação entre leitor/autor no gênero em estudo. Parece estranho situar essa característica como diferencial se os críticos estudam e falam a todo o momento sobre a relação dialógica entre produção e recepção de textos literários. Logicamente, essa também ocorre. O que citamos como diferencial é justamente a interação autor/leitor do ponto de vista físico. Isso porque, de modo geral, o poeta tem a possibilidade de perceber qual a reação de seu público diante de suas rimas e enredos, influenciando no processo criativo do autor.

A maioria dos poetas populares, juntamente com suas famílias, dependia exclusivamente da venda de sua arte. Rimas e temas rejeitados pelo público não vendem e, por isso, devem ser modificados ou excluídos de seus repertórios. Aqueles que agradam permanecem e/ou geram novos títulos.

Esse contato direto é resultado da forma de comercialização do folheto. Para viabilizar a venda, os autores deveriam reunir diversas habilidades, exercendo na maioria das vezes a tripla função, autor/editor/vendedor. A necessidade de atuar como poeta e vender suas obras possibilitou aos autores a interação com seus leitores.

O duplo papel autor/vendedor tem outra consequência importante para a produção: o contato com o público. E não se trata daquele encontro virtual entre autor e leitor que toda leitura promove. Aqui pode ocorrer, além desse contato virtual, um contato concreto, físico. Conversar com leitores-de-carne-e-osso, dia após dia, tentar convencê-los a gastar seu pouco dinheiro em um folheto, permite conhecer opiniões, seus modos de ver a vida, suas preferências literárias. O peculiar sistema de comercialização adotado por muitos vendedores permite extrair informações sutis – mas também fundamentais – sobre o gosto do público. (ABREU, 2006, p. 65)

Como a maioria dos poetas tinha o hábito de ler seus versos em feiras para atrair leitores (alguns ainda o fazem), a reação do público permitia-os algumas modificações em seus próximos folhetos. O contato leitor/poeta era tão próximo que, durante as leituras dos versos, a aceitação ou rejeição era instantânea, com vaias ou aplausos. Durante as recitações que acompanhavam a venda dos folhetos, “os ouvintes não teriam, obviamente, como alterar um folheto já impresso, mas sua participação no momento da leitura sinalizaria para o autor suas preferências, o que, por certo, o influenciaria no momento de compor nova história.” (ABREU, 1999, p. 74)

Por conta disso, é legítimo afirmar que o leitor influencia diretamente no processo de criação dos folhetos. Essa constatação ajuda-nos a sustentar um dos principais pressupostos de nossa pesquisa: o folheto é sim uma arte coletiva.

Ressaltamos que quando usamos o termo “arte coletiva” queremos retomar o posicionamento de Lêda Tâmega Ribeiro em sua obra *Mito e Poesia Popular*. Para a autora, “só é possível falar de poesia coletiva, enquanto obra voltada para a coletividade, levando em conta seus gostos e preferências.” (RIBEIRO, 1987, p64) Isso não significa que o poeta perca seus créditos de compositor. Ele é quem trabalha com a linguagem e a coloca no papel.

Na verdade, o próprio poeta da literatura de folhetos, por entender sua arte como fonte de representação da voz do povo, concebe-a como criação coletiva. Assim observa Ariano Suassuna, em declaração de 1977:

Em nossa literatura popular, o conceito de autoria individual era inexistente, quase inexistente, ou, pelo menos, muito diferente daquela que se tornou normal com o aparecimento do individualismo moderno. (SUASSUNA in RIBEIRO, 1987, p. 61).

O requisito para o poeta que se pretende popular é, além de fazer boas rimas, escolher enredos que interessem ao seu público. Portanto, o autor não pode isolar-se das necessidades, medos, angústias, alegrias, ou seja, da realidade do seu público. Em entrevista concedida a Mark J. Curran, o cordelista e xilógrafo José Costa Leite revela que “o poeta popular só arranja o pão em seus versos quando sabe agradar o povo”. (LEITE in CURRAN, 1973, p.274) Para o entrevistador, essa fala revela o quanto o poeta popular considera a opinião do público para escrever.

A pesquisa de Curran, que envolve consulta a diversos poetas populares nordestinos, aponta a função social que os próprios entrevistados atribuem à sua obra. Com o poder de transmitir e registrar os anseios populares, o autor de folheto assume a responsabilidade de ser a voz do povo do Nordeste.

É nesse sentido que o poeta deve falar para e por seus pares. Segundo Curran, “o bom poeta não pode esquecer nem o dom de poesia que ele considera natural desde o berço, nem a obrigação que sente para com o povo. Por isso, fica com a dupla visão artística, a de poeta e a de comentarista social.” (CURRAN, 1973, p. 275; 276). Ao ser indagado, é o próprio poeta quem declara que

Além de sua função estética de distrair o público, ele também informa e instrui seu leitor. O poeta é ligado estreitamente ao povo e aos seus problemas devido a sua vida em comum, a sua tradição autoral e a sua condição social. São as suas experiências pessoais e a sua reação à vida, como representante do povo, que oferecem ao historiador, ao sociólogo, e ao antropólogo cultural indicações verdadeiras do pensamento do povo. (CURRAN, 1973, p. 273)

Além de o poeta identificar as necessidades do povo e colocar-se como porta-voz do pensamento da comunidade em que participa, há outro argumento que fortalece a concepção de folheto enquanto arte coletiva: sua raiz oral.

Quando os versos aparecem divulgados na literatura de cordel, já aí tem uma autoria; o autor é, de modo geral, um colecionador dos versos **ouvidos**, o editor no sentido inglês da palavra. Mesmo os desafios, alguns célebres que aparecem em folhetos de cordel, são produzidos por esse editor que aproveita temas explorados durante a discussão. (DIÉGUES JR., 1973, p. 17)¹⁹

¹⁹ Embora nós tenhamos preferência pelo emprego do termo folhetos em detrimento a cordéis, mantivemos nas citações a nomenclatura utilizada por seus autores. Por isso, em algumas partes de nosso trabalho coexistiram as duas palavras, sendo que ambas relacionam-se ao mesmo gênero: literatura de folhetos.

Como exemplo dessa tradição oral que se torna folheto, temos *Satanás trabalhando no Roçado de São Pedro* e *A Mulher Que Enganou o Diabo*, ambos assinados por José Costa Leite:

O homem que é poeta
Dorme tarde, acorda cedo
Embora não rime bem
Eu vou traçar o enredo
Do Satanás trabalhando
No Roçado de São Pedro.

**É uma pequena história
há muito tempo passada
que não me lembro da era
e nem se foi inventada**

Dizem que o Satanás
botou um grande roçado
(...)
(LEITE, s/d, p. 1)

Vou descrever um trancoso
que vem do meu bisavô
e ele contou um dia
ao velho meu avô
meu avô contou a meu pai
depois meu pai me contou.

Por seu um conto engraçado
resolvi a escrever
meu pai contava de graça
mas hoje não pode ser
e como tudo está caro
eu escrevi pra vender.²⁰
(LEITE, s/d, p.1)

Ambos os trechos representam o que mencionamos anteriormente: a tradição oral é precursora do folheto. O uso do verbo “dizer”, no primeiro texto, e as duas estrofes, do segundo, comprovam

²⁰ Esta estrofe, além de exemplificar a tradição oral como precursora do folheto, ilustra o fato apresentado no primeiro parágrafo do item 2.2 deste trabalho. Os poetas não recebiam pela criação e cantoria de seus versos. A impressão foi a alternativa encontrada pelos autores para terem um rendimento em dinheiro.

essa herança da oralidade. De acordo com Diégues Jr. (1973, p. 5), “Os inícios da literatura de cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo; (...)”

O estilo característico da literatura de folhetos parece ter iniciado seu processo de definição nesse espaço oral, muito antes que a impressão fosse possível. [...]. São informações e trechos de poemas guardados na memória de antigos poetas entrevistados por folcloristas ou reconstituições feitas em folhetos recordando velhas pelejas. Se não são registros inteiramente confiáveis, sujeitos aos deslizos da memória, carregam consigo uma marca fundamental: o caráter fortemente oral dessa produção, tanto no que tange à composição quanto à transmissão. (ABREU, 1999, p. 74)

Nosso conceito de arte coletiva prevê a função do autor como ser que transforma (e transforma-se) durante a composição de sua obra, levando em consideração a influência do que vê, ouve e discute com o povo. É por isso que

O homem, ao contrário dos animais, não está nem imerso na natureza. Ele está dentro de um universo mitológico, um corpo de pressupostos e crenças desenvolvidos a partir de suas inquietações existenciais. De tudo isso, a maior parte é inconsciente. Isso significa que nossa imaginação pode reconhecer partes desse corpo, quando apresentados na arte ou na literatura, sem que compreendamos o que na verdade reconhecemos. Na prática, o que podemos reconhecer deste corpo de inquietações vem de um condicionamento social e de um legado cultural. (FRYE, 2004, p. 17)

Por isso, a literatura de folhetos, dotada dessa coletividade, é um material legítimo para estudarmos como o homem interpreta e concebe o Diabo em seu cotidiano.

Mais adiante, quando formos analisar nosso *corpus*, entretanto, talvez se torne confuso para o leitor a opção que fizemos de desconsiderar dados de autoria e data de publicação. Isso nada tem a ver

com nosso entendimento de arte coletiva. A motivação que nos levou a escolher o *corpus* e analisá-lo sem delimitarmos por autor/data deve-se a uma discussão antiga e nunca resolvida, o problema da autoria na literatura de folhetos.

3.2.2 Pelejando a autoria

Se entrarmos em uma biblioteca ou livraria nos dias de hoje, retirarmos qualquer livro da prateleira e passarmos os olhos por cima da capa, identificaremos rapidamente, no mínimo, três dados: o título, a editora e seu autor. A exceção seria faltar algum desses itens.

Vamos voltar um pouco no tempo e considerar uma época em que a autoria não era estimada, apenas os versos impressos assumiam algum valor comercial. Para que identificar autor, então? Assim é que começa a história impressa dos folhetos. Como resultado, muitas obras aparecem sem identificação e algumas apenas com menção ao proprietário dos direitos autorais (seus verdadeiros autores ficaram ocultos). Por tudo isso, afirmar com exatidão quem escreveu determinado folheto é uma tarefa ingrata e que, fatalmente, pode levar o pesquisador ao erro.

Acompanhando as mudanças no mercado editorial da literatura de folhetos, sua história inicia-se com a produção dentro da casa do próprio autor, realizada por familiares. Em pouco tempo, porém, alguns poetas passaram a profissionalizar seus sistemas de impressão e, além de seus folhetos, passaram a adquirir os direitos autorais de outros poetas.

Até aí, nenhum problema, pois isto é uma prática comum nos dias de hoje e que não significam omissão ou substituição autoral. O problema é que alguns editores, também poetas, ao adquirirem os direitos de comercialização de algumas obras, passaram a editar na capa apenas o seu nome, excluindo a identificação do autor. Conforme se lê, a prática não acontecia sem o consentimento de quem vendia: “O poeta popular sempre vende os direitos autorais dos folhetos que escreve a uma folhetaria, sendo passados recibo e escritura, perdendo até o direito de seu nome sair como autor do folheto se o editor assim desejar.” (CAMPOS in BATISTA, 1973, p. 351)

Segundo o pesquisador Sebastião Nunes Batista no artigo *Restituição da autoria de folhetos do catálogo, Tomo I, da literatura popular em verso* o início dessa confusão envolve nomes celebres da literatura popular nordestina, Leandro Gomes de Barros e João Martins Ataíde:

No dia 13 de abril de 1921, D. Venustiana Aleixo de Barros, viúva do poeta(Leandro Gomes de Barros), vendeu a João Martins Ataíde, pela importância de 600\$000 (seiscentos mil reis), a propriedade literária de Leandro Gomes. De então, parte a confusão a respeito dos legítimos autores dos folhetos. Pois João Martins Ataíde adquiriu centenas de originais de outros poetas populares publicou inúmeras edições, constando apenas o seu nome como “Editor Proprietário”. Por esta razão é difícil saber quais são, em verdade, os folhetos de João Martins de Ataíde. (BATISTA, 1973, p. 348-349)

Depois, é João Martins Ataíde quem vende a José Bernardo da Silva seus direitos autorais. Agora é este quem passa a assinar todo o acervo daquele, que já era composto por composições de outros poetas.

A omissão do autor ou a substituição do seu nome pelo editor consistia em uma tão prática comum, e até mesmo autorizada, que os donos de direitos autorais costumavam publicar avisos nos folhetos de sua propriedade, como este que se lê, extraído da contracapa do folheto História de João de Calais, publicado em julho de 1941:

Exponho ao conhecimento dos interessados reprodutores dos livros escritos na Folhetaria Silva, que, todos os livros que tiverem a propaganda desta casa pertencem exclusivamente a mim, quer sejam ou não de minha autoria. Esta advertência que faço não é por ambição, é sim, porque todos os autores me concederam este direito, uns por compra outros por permutas; com especialidade Luís da C.Pinheiro, e, se o meu nome não está gravado nesses livros, mas esta a propaganda de minha casa, são meus. (SILVA in BATISTA, 1973, p. 350)

Quem observa essa confusão, gerada após a venda dos direitos autorais do mais produtivo poeta de folhetos, Leandro Gomes de Barros, pode pensar que o problema de exatidão de autoria tenha surgido apenas em meados de 1920, como resquício da desvalorização da composição autoral dos versos. Entretanto, é ingênuo pensar assim. A apropriação indébita da produção artística alheia é um fenômeno anterior à morte de Leandro.

Antes da vigência do Código Civil eram comuns os clássicos avisos, publicados nas capas ou noutros lugares de destaque nos folhetos: “O autor reserva os direitos de propriedade.” Quando mais autores e editores de folhetos foram surgindo, maior cautela se fez necessário. Assim, vemos Leandro Gomes de Barros, na terceira edição do seu folheto *Histórias de João da Cruz*, publicado a 15 de novembro de 1917, fazendo Aviso importante: “Aos meus caros leitores do Brasil – Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas – **aviso que desta data em diante todos os meus folhetos completos trarão o meu retrato. Faça este aviso a fim de prevenir aos incautos que têm sido enganados na sua boa fé por vendedores de livretos menos sérios e que têm alterado e publicado os meus livros, cometendo assim um crime vergonhoso.**” (BATISTA, 1973, p. 348)

Depois da iniciativa de Leandro, outros passaram a utilizar alguns recursos para garantir a permanência da identificação autoral. Ora escrevendo avisos em letras grandes, tais como “direitos autorias reservados”, outrora aproveitando os próprios versos para relacionar criador e criação. O mais recorrente de todos, entretanto, foi a utilização de acrósticos com as letras iniciais dos autores nas primeiras ou últimas estrofes de seus folhetos. Abaixo temos exemplos dessa tentativa de registro autoral:

Bebê Diabo percorre
A nossa tradição natal
Representando Lusbel
Remindo aos de seu padrão
Os que pertencem a Deus
Sem dúvida não sofrerão
(BARROS, s/d, p.)

Manero pra quem não venha
A mim, alguma maldição.
Xoco veio me atentar
Apesar de ser cristão.
Do inferno, quero paz.
O folheto é curtição.
(MAXADO, 1982, p.)

Com medo e desconfiado
 O diabo viu-se perdido
 Soltou um grande gemido
 Tirando o corpo de lado
 Ali todo arrepiado
 Logo deu grande “pipouco”
 E o cantador de coco
 Inda ficou se benzendo
 Tem gente ainda correndo
 E o medo não foi pouco.
 (LEITE, s/d, p.8)

Por sequência de apresentação, temos as estrofes finais de folhetos dos autores: João de Barros, Franklin Maxado (conhecido também como Franklin Nordeste) e José da Costa Leite. Todos exemplificam a preocupação com a conservação de suas autorias por meio de acrósticos.

Entretanto, essas e outras tentativas de preservação autoral foram frustradas. Ocultaram-se fotos de Leandro; avisos da reserva de direitos excluídos; e os acrósticos de identificação, modificados. Restaram-nos os versos, nem sempre creditados a quem os compôs.

De forma emblemática, Batista (1973, p. 339) apresenta a consequência da apropriação indébita da obra de Leandro Gomes de Barros, que “escreveu e publicou mais de mil folhetos rimados dos quais conseguimos relacionar um pouco mais de duas centenas.” De acordo com o pesquisador, os que faltam nessa conta circulam com o nome de outros autores ou desapareceram no anonimato.

Por tudo o que foi apresentado sobre a identificação dos autores do folheto, entendemos que a tentativa de vincular a análise de nosso *corpus* à delimitação autoral ou temporal traria distorção aos resultados, comprometendo a credibilidade do estudo. Sendo assim, a análise da literatura de folhetos, que apresentaremos no terceiro capítulo deste trabalho, dar-se-á, como dissemos, pela constituição de acervo.

4 TENTADOR, ADVERSÁRIO E ACUSADOR: AS TRÊS FACES DO DIABO NOS FOLHETOS

As características de produção dos folhetos, apresentadas no segundo capítulo, inviabilizam a seleção do *corpus* por autor ou tempo de escrita. Assim, empreendemos nossa pesquisa delimitando a busca por obras pertencentes à coleção de Átila Almeida, com 9.992 títulos e 15.967 exemplares, considerada a maior da América Latina. Essa relevante compilação faz parte do acervo homônimo, também composto por livros raríssimos, dicionários, catálogos, jornais e xilogravuras.

Esse acervo, por sua vez, está instalado na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, com sede na Universidade Estadual da Paraíba (Campina Grande/PB). Estima-se que as obras a ele pertencentes (folhetos, dicionários, jornais e períodos) tenham sido publicadas entre os anos de 1878, quando o historiador Horácio de Almeida – pai de Átila - iniciou o projeto de uma biblioteca familiar, e 1991, com a morte deste, herdeiro das obras e responsável pela continuidade do projeto de seu pai.

Bibliófilo confesso, de acordo com o texto bibliográfico disponível na página virtual da Biblioteca, Átila atuou como jornalista, professor universitário na área de ciências exatas, pesquisador das manifestações culturais nordestinas e escritor. Porém, foi seu fascínio pelo verso cantado e escrito, instigado pelo pai, que o aproximou de um conceituado pesquisador dos versos cantados e escritos, José Alves Sobrinho, com quem fez importante parceria para composição daquele que seria um dia o maior acervo de literatura de folhetos da América Latina.

Dotado de um vasto conhecimento sobre a poesia oral e escrita do nordeste, José Alves foi convidado por Átila a ajudá-lo na seleção e coleta de títulos relevantes da poesia popular nordestina para a biblioteca deste, naquela época particular. Além de dividirem o mérito da organização desse grandioso acervo, os dois publicaram obras sobre a poesia popular, destacando-se o trabalho em conjunto no *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*, publicado em 1978.

Assim, pode-se dizer que a coleção de folhetos do acervo Átila Almeida foi feita a seis mãos: Horácio de Almeida, o precursor, Átila Almeida, herdeiro e apreciador, e José Alves Sobrinho, exímio conhecedor da literatura nordestina, seja como pesquisador, seja como intérprete.

Mesmo sabendo como se deu o processo de formação da coleção, é importante pontuar a transição da biblioteca particular para o espaço público. O Governo do Estado da Paraíba, dada a importância cultural das obras adquiridas pela família Almeida ao longo de duas gerações, comprou em 2003 da viúva de Átila todo o material. No ano seguinte, a Universidade Estadual da Paraíba recebeu as obras e tornou-se responsável pela guarda, manutenção e conservação.

No período em que foi realizada a coleta do *corpus* de nossa pesquisa, em setembro de 2011, os folhetos ainda não estavam digitalizados nem eram disponibilizados aos visitantes na página virtual da Biblioteca. Para ter-se acesso aos cordéis, era necessário que o pesquisador entrasse em contato com a Biblioteca, apresentasse uma solicitação dos títulos a serem pesquisados e combinasse um horário para visitas.

Uma lista contendo o nome dos folhetos e seus respectivos autores estava disponível no *site*. E foi por meio desse instrumento que iniciamos o recorte do *corpus*. Realizando a leitura dos 9.992 títulos, registramos quais deles apresentavam menção ao demiurgo maligno, seja por meio de nomes bíblicos como Satanás, Lúcifer ou Diabo; ou populares, como capeta ou pé redondo. Dos nomes citados com relação a ele, encontramos: Diabo, demônio, Satanás, Inferno e Besta Fera (e variações na grafia).

Encontrados os nomes de títulos que possivelmente apresentavam enredos acerca do tema aqui proposto, passamos para a segunda parte da coleta, a seleção dos títulos que seriam digitalizados e lidos integralmente. Por meio dessa pesquisa título/ tema, obtivemos como resultado:

Nome para busca	Número de títulos
Diabo	98
Satanás	24
Demônio	2
Inferno	30
Besta Fera	7
Total	161

Com a seleção dos títulos, encaminhamos à direção do Acervo Átila Almeida um pedido de autorização para digitalizar as obras selecionadas na etapa dois. Com o aceite da equipe administrativa da Biblioteca, fomos *in loco*, em setembro de 2011, realizar o registro

digital dos 161 folhetos. Do total solicitado, 152 foram digitalizados. O decréscimo de 9 títulos, ocorreu em virtude da não disponibilidade desse material nos dias em que estávamos realizando a coleta. Por tratar-se de obras bastante antigas e apenas recentemente conservadas de forma adequada, algumas delas estavam passando por um processo de limpeza e restauração e, por isso, naquela oportunidade, não poderiam ser manuseadas pelo público.

Com a digitalização concluída, passamos à leitura e análise individual dos folhetos, agora computado em 152 unidades. Esta parte da pesquisa consistiu em averiguar dados identificados na capa (possível data de publicação, autoria, proprietário e título), leitura integral e classificação inicial.

Denominada como classificação 1, realizamos um recorte em nosso *corpus*. Identificamos todos os enredos nos quais a personagem Diabo (e variações de denominações) apresentasse um desfecho como ridículo diante da humanidade. Desprezados os títulos em que ele era o repressor da humanidade, restou-nos 22 folhetos nos quais o Diabo era apresentado como criatura ridicularizada. Os demais, para fins desta pesquisa, foram desconsiderados.

Com o novo número, iniciamos a releitura dos folhetos a fim de encontrar semelhanças e diferenças entre as representações. Foi possível assim criar uma nova metodologia de análise, podendo dividir os três contextos em que o Diabo apareceu como ridículo no folheto: a) pactos; b) pelejas, discussão ou debate; c) queixas. Eis abaixo a lista contendo a classificação aqui proposta, títulos dos folhetos e cordelistas que os assinam.

	Classificação	Título	Cordelista que assina²¹
1	Pacto	O Sócio do Diabo	Augusto Ferreluso
2	Pacto	Como São Pedro enganou o Diabo	José Severino de Lima
3	Pacto	Satanás trabalhando no roçado de São Pedro	José Costa Leite
4	Pacto	O Velho que	José Antônio Torres

²¹ Conforme tornamos explícito no segundo capítulo desta dissertação, não é possível confirmar a autoria desses folhetos. Por isso, identificamos o nome que se encontra nas capas das obras como cordelista que assina o folheto, não como o autor da obra.

		enganou o diabo	
5	Pacto	A Mulher que enganou o diabo	José Costa Leite
6	Pacto	A Mulher que enganou o diabo	Manoel D´Almeida Filho
7	Pacto	A Mulher que enganou o diabo	Severino Milanez Silva
8	Peleja, discussão e debate	Peleja de Joaquim Francisco com o demônio	Antônio Teixeira da Cruz
9	Peleja, discussão e debate	Peleja de Manoel Riachão com o diabo	João Martins Athayde
10	Peleja, discussão e debate	Peleja de Manoel Riachão com o diabo	Manoel Pereira Sobrinho
11	Peleja, discussão e debate	Peleja de Manoel Riachão com o diabo	Proprietário: José Bernardo da Silva ²²
12	Peleja, discussão e debate	Segundo debate de Riachão com o diabo fingido em homem chamado Mumbaça	Leandro Gomes de Barros
13	Peleja, discussão e debate	O Embolador de coco com o diabo	José Costa Leite
14	Peleja, discussão e debate	Peleja dum embolador de coco com o diabo	José Costa Leite
15	Peleja, discussão e debate	Peleja de José Luiz com o demônio	José Luiz Filho
16	Peleja, discussão e debate	Peleja de José Luiz Jr. com o diabo	José Luiz Filho
17	Peleja,	Peleja do Zé do	Manoel d´Almeida Filho

²² Dentre os nomes há alguns que estão identificados como proprietários. Nesses casos, trata-se de uma escolha do editor que comprou os direitos autorais.

	discussão e debate	Caixão com o diabo	
18	Peleja, discussão e debate	O Matuto e o diabo	Proprietário: Manoel Camilo dos Santos
19	Queixa	Satanás reclamando da corrupção hoje em dia	José Costa Leite
20	Queixa	3ª Queixa do Satanás a Cristo	José Lucas Evangelista
21	Queixa	3ª Queixa do Satanás a Cristo	Pedro Bispo
22	Queixa	Uma Queixa de Satanás a Cristo	José Vila Nova

Com a classificação, foi possível chegar aos seguintes números:

Classificação contexto	Número de folhetos
Pacto	07
Pelejas, discussão e debates	11
Queixas	04

Dito isso, vamos à apresentação dos enredos, considerando a ordem: pacto; pelejas, discussões e debates; e queixas.

4.1 FOLHETOS DE PACTO: A FACE DO TENTADOR

A tradição oral e a literatura escrita tem em seu expediente uma fortuna de histórias cujos protagonistas firmaram pacto com o Príncipe das Trevas. Em geral, são enredos nos quais o Diabo apresenta-se a um homem ou mulher e propõe um acordo: realizar os desejos daquele mortal por determinado período e, como pagamento, possuir a alma deste pela eternidade.

Muito se escreveu, (...), sobre os pactos parciais que o sedutor estabelece com os homens (nos quais promete ajudas específicas em troca de más ações que, de forma indireta, acabam por condenar os favoritos) e, principalmente, sobre o mais importante desses pactos: aquele em que o

Diabo compra literalmente a alma de um ser humano, de acordo com cláusulas bastante concretas de tempo e de serviços. (COUSTÉ, 1997, p. 70)

Exemplificam esse tipo de acordo os casos de Non del'Ellos e Louis Gaudridi. A primeira, uma bela senhora que supostamente compactua com o Diabo em troca da eterna juventude. E Gaudridi, um sacerdote que promete sua alma ao Diabo caso tenha todas as mulheres que desejar. Para Papini, ele é a inspiração para o mito de Don Juan. Ambos são apenas dois exemplos de uma infinidade de personagens que figuram as histórias envolvendo a troca de interesses entre Satanás e a humanidade.

Dentre o que se propaga sobre pactos, tem-se no mito de Fausto aquele que alcançou maior repercussão. A primeira versão, escrita por Johan Spiess e publicada no ano de 1587, em Frankfurt, propõe-se a contar a história de Johannes Faustus, um jovem brilhante – dentre outros talentos, impressionava por realizar levitação, hipnose e possuir dom de línguas e vasta cultura humanística – que viveu na Alemanha. Segundo Cousté (1997, p. 72), cogita-se que o pacto tenha sido firmado entre o Diabo e o rapaz nos primeiros anos do século XVI, em Praga, capital da magia nessa época.

A partir dessa versão, outros escritores aventuraram-se a recontá-la. Além da publicação mais famosa, escrita por Goethe, iniciada em 1775 e dada por terminada em 1832, quando este falece, destacam-se as de Cristopher Marlowe, 1588, e Georg Rudolf Widman, do ano de 1599. A obra de Marlowe marca a estreia do mito no teatro, com a sua *Trágica história do doutor Fausto*. Já Widman amplia a versão de Spiess, tornando-a mais sombria. Nesta, as aparições do Diabo ocorrem em dois momentos. Primeiro, como um cão negro e fiel a Fausto, que surge disfarçado para conquistar a confiança do rapaz. Depois, para impor o pacto, portando hábito franciscano.

Voltando-nos ao gênero em estudo, nossa literatura de folhetos apresenta grande diversidade de histórias sobre pactos entre humanos e mortais, das quais tomou maior repercussão os folhetos com o final frustrante para o Diabo, quando ele, ao invés de exercer o ápice de seu poder, condenando uma alma ao inferno, é enganado pelo homem ou mulher com quem realiza o acordo. A seguir, vamos apresentar folhetos que exemplificam a aparição do Diabo nesse contexto.

A aparição do Diabo enganado nos versos confunde-se com a própria história da literatura de folhetos. Isso se deve em parte ao fato de

que um dos precursores do gênero, se não o precursor, Leandro Gomes de Barros, apresenta em seu repertório histórias com o protagonismo do Diabo ludibriado, influenciando tanto a geração de poetas de seu tempo quanto os que lhe foram posteriores. Outra razão para a recorrência do tema advém da receptividade do público consumidor, que, como sabemos, mantinha um contato muito próximo com o cordelista. Dada as características de venda dos folhetos, os poetas sabiam quais enredos mais agradavam aos olhos e ouvidos nas feiras e, assim, podiam investir mais naqueles que alcançariam maior vendagem nas bancas.

Em nosso *corpus*, são sete os exemplares representativos desta classificação: *O Sócio do diabo* (Augusto Ferreluso), *Satanás trabalhando no roçado de São Pedro* (José Costa Leite), *Como São Pedro enganou o diabo* (José Severino de Lima), *O Velho que enganou o Diabo* (José Antônio Torres), e três versões com o título *A Mulher que enganou o Diabo* (Severino Milanez Silva, Manoel d'Almeida Filho e José da Costa Leite). A seguir faremos a apresentação dos enredos de cada uma das obras.

4.1.1 *Satanás trabalhando no roçado de São Pedro e Como São Pedro enganou o Diabo*

Embora compostos por versos distintos e assinados por cordelistas diferentes, *Satanás trabalhando no roçado de São Pedro* (s/d) e *Como São Pedro enganou o Diabo* (1935) tem o mesmo enredo. Ambos apresentam de um lado Satanás, uma criatura trabalhadora, dedicada ao serviço no roçado, mas sem êxito na agricultura. De outro, São Pedro, que trabalhava em condições tão adversas quanto aquele, porém obtendo o dobro da produtividade. Diante da situação, São Pedro recebe uma oferta de sociedade do agricultor menos abastado. Aceita-a na condição de que os dois não trabalhassem concomitantemente no plantio, ou seja, enquanto um fazia algo, o outro descansava. Ao chegar o período da colheita, os lucros seriam divididos de uma forma pouco convencional.

São Pedro disse eu aceito
 Numa proposta firmada
 Para jogar com você
 Depois da safra lucrada
 Quem acertar ganha tudo
 Quem perder não ganha nada.

Porque às vezes o produto
 Está debaixo do chão
 Outra vez está em cima
 Da terra, com perfeição
 Está em cima ou embaixo
 Depende da plantação.
 (LEITE, s/d, p. 3)

Cientes do acordo, os dois iniciaram as atividades no roçado. Plantaram diversas culturas, revezando-se, e, ao final de cada safra, São Pedro sempre perguntava a Satanás qual a parte por este desejada, afinal em alguns momentos a parte lucrativa estava na folha, outras, na raiz.

Demonstrando desinformação total sobre o que era comestível e, por isso rentável, Satanás sempre escolhia o que não era aproveitado: o milho e a mandioca ficaram para o santo, as folhas e as ramas para Satanás. E a cada novo plantio a história repetia-se. Além de não receber nada, Satanás trabalhava muito para aumentar a lucratividade de São Pedro. Dessa forma, aquele foi ridicularizado por este, que aumentava mais a renda com a contribuição de Satanás.

Ainda que os enredos preservem-se idênticos do começo ao fim, há uma sutil diferença a ser mencionada. Em *Como São Pedro enganou o Diabo*, é explícita a relação entre a vitória do santo e o triunfo de Jesus na cruz: “Pode-se jurar na cruz/Como quem ama a Jesus,/ É feliz de todo jeito.” (LIMA, 1935, p.8) Desse modo, nesse folheto é mais evidente a analogia teológica que se faz entre o roçado e o trabalho de conversão dos homens. Já em *Satanás trabalhando no roçado de São Pedro*, a personagem lograda desde o início dos versos não representa uma ameaça ao trabalho de São Pedro. Satanás é um pobre homem que luta pela sobrevivência e, se não fossem os nomes que aludem à trajetória de cada um, seria impossível estabelecer uma relação entre aquele que é considerado o Príncipe das Trevas e o denominado guardião do céu.

Em tempo, é preciso explicar a relação de São Pedro a esta função tradicional que lhe imputam. O dito santo é, na verdade, o discípulo de Jesus, Simão, designado por Jesus nos evangelhos propositalmente como Pedro, a pedra fundamental da Igreja, o primeiro Papa da instituição católica. Assim como os demais discípulos, é um dos santos católicos, e, por isso, recebe a denominação de São Pedro. Tradicionalmente é conhecido como porteiro do céu, tendo para isso respaldo no episódio conhecido como a profissão de fé e o primado de Pedro:

Chegando Jesus ao território de Cesareia de Filipe, perguntou aos discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?” Disseram: “Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros, ainda, que é Jeremias ou um dos profetas.” Então lhe perguntou: “E você, quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro, respondendo, disse: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Jesus respondeu-lhe: “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do Inferno²³ nunca prevaleceram contra ela. **Eu te darei as chaves do Reino dos Céus** e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus”. (MATEUS 16, 13-19)

Esse mesmo trecho, além de esclarecer a participação do discípulo/santo de quem se fala nesses versos, é importante para identificar o dualismo entre “Reino dos Céus” e “portas do Inferno”. É inconciliável que alguém possa ter acesso ao primeiro, pertencendo ao segundo. É por isso que, embora o Diabo desejasse estabelecer uma parceria, São Pedro é taxativo em dividir o serviço e o lucro de forma pouco convencional. Os dois tem um acordo, o que já é estranho, mas não uma sociedade. Enquanto um trabalha o outro descansa e, ao final, é impossível que o lucro seja dividido igualmente entre eles. Ou pertencerá a um ou a outro.

Outros versículos bíblicos também dão conta dessa divisão. Não faltam exemplos nas epístolas e nos evangelhos. Entretanto, é o de João aquele que expressa mais efetivamente a dualidade entre os reinos do Bem X Mal. Há nele a fundamentação da divisão entre justos, os que

²³ A palavra inferno, segundo nota de rodapé da *Bíblia* de Jerusalém, refere-se à morada dos mortos (Nm 16,33). Aqui as suas “portas” personificadas evocam as potências do Mal que, depois de terem arrastado os homens ao pecado os encadeiam definitivamente na morte terna. Seguindo o Mestre que morreu, desceu ao Inferno (I Pd 3,19+) e ressuscitou (At 2,27-31), a Igreja deverá ter por missão arrancar eleitos ao império da morte temporal e, sobretudo, eterna, para conduzi-los ao Reino dos Céus (cf. Cl 1,3; ICor 15,26; Ap 6,8; 20,13).

subirão à glória diante de Deus, e os ímpios, pertencentes ao pecado, por isso, ao Diabo.

Relacionando, portanto, a narrativa dos folhetos à bíblica, o homem é tomado como a grande colheita de cada um dos lados. A vantagem para a humanidade é, acima da intervenção do santo, o plano da redenção inaugurado com a vinda de Deus encarnado, que vence a morte e o pecado ao ser crucificado, morto e ressuscitado.

Ao anunciar que aqueles que amam a Jesus, cujo triunfo sobre Satanás foi atingido na cruz, o folheto releva a supremacia do Salvador se comparado ao trabalho do inimigo. Assim, mais forte do que qualquer temor que se tenha em relação ao Inimigo, a crença no Cristo como salvador e redentor das almas é mais poderosa.

4.1.2 *O Velho que enganou o diabo*

Neste folheto, a descrição inicial do velho é a de um senhor que trabalhava em um pequeno roçado alugado e contraia pouco lucro, vivendo na miséria. A cada novo amanhecer, antes de ir para seus afazeres tinha como ritual pedir a Deus que o ajudasse nas tarefas diárias e que o oportunizasse a melhorar as condições de vida.

Passado algum tempo, em um dia de trabalho comum e sofrido, apareceu-lhe um negro que se apresentou como um auxílio para melhorar a vida daquele agricultor. Era o Diabo disfarçando-se para conquistar a alma de um homem temente e crente nos desígnios de Deus. Desconfiado, o velho não fechou o negócio sem questionar se o acordo entre os dois seria lícito.

Muito astuto, a resposta do negro foi a seguinte: “meu pai sofre de uma fraqueza/ sangue humano é o remédio/ se deres o teu com certeza/ não te faltará mais nada/ se acaba a tua pobreza.” (TORRES, s/d, p.2). Diante da proposta, o velho no mesmo instante reconheceu de quem vinham aquelas tentadoras palavras. Imediatamente pensou em aceitar e arrumar uma artimanha para enganar o Inimigo.

Fizeram o pacto assim: o sangue só seria do negro caso ele realizasse tudo o que o velho exigisse. Trato feito. O Diabo, a pedido do homem, construiu um cercado, colocou açude, gado, casa para todos os moradores e, no oitavo dia, todas as exigências haviam sido cumpridas.

Com a tarefa encerrada, foi a vez de o Diabo cobrar sua parte no trato. Antes, porém, de o velho dar-lhe o sangue, este fez a última solicitação. Mandou-o que roçasse todo o capim de suas terras. Ansioso pelo recebimento do pagamento, o Diabo foi rapidamente limpar o mato

e, no meio da empreitada, avistou uma cruz estaqueada no chão que estava escondida apenas porque o mato encobria-a.

Diante da eventualidade, oscilou entre duas opções. Poderia receber o sangue ao concluir o serviço, tornando a cruz aparente, mas sendo eternamente cobrado por ajudar a divulgar o maior triunfo de Deus sobre ele, a vitória sobre a morte na cruz. Ou ainda, como alternativa, esquecer-se da dívida do velho e voltar às profundezas do inferno discretamente.

Sem pensar muito, decidiu pela segunda opção e saiu do local deixando o velho e toda a região onde aquele senhor habitava mais rica e bonita. E, assim, o homem mais uma vez enganou o Diabo na literatura de folhetos.

4.1.3 *O sócio do diabo*

Neste folheto, a personagem vinda das profundezas do Inferno apareceu para tentar um jovem viciado em jogos, adorado pelas mulheres, preguiçoso e que perdera toda a fortuna herdada por causa de seus vícios. Identificando a ambição do rapaz, o Tentador ofereceu a ele sorte no jogo em troca de sua alma. Diante da proposta, Satanás, que não revelou sua identidade, é reconhecido.

Em dúvida sobre as vantagens que levaria no acordo, o jovem pediu um dia para pensar e foi dormir na casa de uma das mulheres com quem namorava. Compartilhando com ela o fato acontecido, foi aconselhado a aceitar a proposta, pois seria, segundo as palavras dela, fácil enganar o diabo. De acordo com a fala feminina, o ideal era aproveitar a oferta e, no momento oportuno, recorrer à intercessão da Virgem Maria, rezando à mãe do redentor.

Assim, o protagonista decidiu fazer. Viveu gozando da fama e do dinheiro que o jogo proporcionou a ele e, ao morrer, foi levado a julgamento diante do arcanjo São Miguel.

Nessa oportunidade, apareceu o Diabo na figura de um dragão reclamando a alma do rapaz. São Miguel desaprova aquela intromissão e promete acertar o dragão com a espada de fogo. Antes, porém, usando sua espada, o anjo abre o peito do rapaz e verifica a inscrição de Nossa Senhora na alma dele, o símbolo indicativo de que a alma daquele homem estava predestinada a pertencer ao Reino dos Céus.

Ao ver isso, o Diabo ficou indignado. Esbraveja e mostra-se enfurecido com os critérios do julgamento, afinal o rapaz havia realizado muita maldade na terra, tornado muito pais de família

endividados no jogo e agora recebera o perdão instantaneamente. Diante da rebeldia do dragão, São Miguel entra em conflito com ele e o captura.

Aqui o contexto recuperado é inegavelmente o episódio que se encontra nas páginas finais da *Bíblia*: a batalha entre São Miguel e o dragão no livro do *Apocalipse*. Como já mencionamos, as páginas bíblicas não são suficientes para explicar a motivação da revolta. Os teólogos apenas localizam-na como um combate cósmico, realizado provavelmente antes da criação da humanidade.

Neste folheto o duelo entre o dragão e São Miguel é motivado pela disputa da alma humana. Uma novidade, se comparado ao texto do *Apocalipse*. Além dessa inovação, o julgamento apresenta um formato pouco convencional. Contrariando às expectativas de condenação, afinal o pecador goza de uma vida cheia de vícios, seu julgamento resume-se a simples identificação do pertencimento da alma. Interpreta-se desse modo, que a conduta da pessoa não interfere em seu destino após a morte. A condenação ou absolvição dos pecados pelos anjos e Jesus (conforme evangelho de Mateus e Lucas) perde seu espaço para a predestinação.

Assim, se, pela simples demarcação da alma, o rapaz tem todos seus delitos esquecidos na hora do julgamento, é possível inferir também que um homem de boa conduta possa ter a alma condenada ou, ainda, outra novidade, não existem almas pertencentes ao inferno e todas as criaturas estão absolvidas do pecado. Todos estão eternamente redimidos do pecado.

De qualquer forma, o Diabo, neste folheto, perde totalmente sua função de acusador, tentador ou inimigo perverso dos homens. Suas artimanhas não interferem na condenação das almas. Ele é um ser que vive apenas de realizar seus feitos na terra, sem qualquer implicância decisiva no destino eterno da humanidade. Salienta-se desse modo, a confiança, mais uma vez na redenção da humanidade pelo Cristo ressuscitado.

4.1.4 A Mulher que enganou o diabo

Em nosso *corpus* há três folhetos cujo título é *A Mulher que enganou o diabo*. Embora com mesmo nome, os enredos são diferentes. Assinados pelos cordelistas Manoel D´Almeida Filho, Severino Milanez Silva e José Costa Leite, esses versos trazem semelhante postura do Diabo em relação à mulher: o pavor de reconhecer que fora enganado por uma descendente de Eva.

Analisando apenas o folheto assinado por Manoel D'Almeida Filho, tem-se Dona Maria, temente a Deus e casada com um homem preguiçoso, que repreendia o marido constantemente porque este chamava pelo Tinhoso quando necessitava sair para trabalhar. Em um desses momentos de censura, o esposo prometeu que se o Diabo lhe desse a riqueza tão almejada, daria a própria alma e a da mulher a Satanás.

Um dia, estando ela sozinha em casa, um homem negro apareceu. Embora disfarçado, o Diabo na forma humana foi imediatamente reconhecido pela dona de casa. Alerta com a situação, Dona Maria pensou imediatamente em pedir a intervenção de Nossa Senhora no intuito de preservar-se das garras do Inimigo. Certa de que receberia ajuda da santa, escutou uma proposta do sujeito e decidiu fechar um contrato, lavrado com sangue, no qual ele prometeu realizar rapidamente tudo o que a aquela mulher desejasse. Assim que o Maligno completasse sua parte, voltaria para levar as duas almas consigo, de Dona Maria e do marido.

Duvidando da eficiência do Cão, a mulher provocou-o dizendo ser curto o prazo para a quantidade de coisas que ele precisaria realizar. Diante do desafio imposto pela mulher, o Diabo faz uma alusão clara a Jesus como o redentor da humanidade, o único capaz de desmoralizá-lo:

O negro disse: _ eu duvido
Que alguém possa procurar
Um trabalho tão difícil
Que eu não venha executar
So se fosse O HOMEM GRANDE
Pra me desmoralizar.

Porém eu acredito que
Pelo menos desta vez
O HOMEM não se intrometa
No trato que a gente fez
Pois vou fazer os mandamentos
Todos em menos de um mês.

(D'ALMEIDA FILHO, 1986, p. 9,
maiuscula do cordelista)

O Diabo chama de mandamento os pedidos que a mulher fazia. Cada vez que concluía uma solicitação, logo ela inventava algo ainda mais difícil. Assim, o casal viu ficar pronto uma casa de 100 mil m² com um pátio verde e árvores frutíferas, um roçado fértil, uma barragem para

represar a água, uma rede armazéns para que todos os moradores da localidade tivessem onde guardar os bens, uma cidade com 10 mil casas e doadas pelo próprio Diabo aos mais necessitados.

Exausto, mas ansioso para levar as almas, o Diabo perguntou à mulher qual era o último desejo. Surpreendendo-o, Dona Maria mandou-o construir uma catedral católica, com altares para todos os santos dando maior referência ao cordeiro, Jesus Cristo, o redentor da humanidade, e, na torre da matriz, uma cruz.

Diante do pedido, Satanás ficou indignado porque era simplesmente impossível de ser atendido. Se realizasse tal feito, perderia o conceito que tinha construído entre a humanidade. E foi desse modo que a mulher saiu vitoriosa, reproduzindo um comportamento astuto tipicamente feminino, conforme finaliza nos versos:

Desde o começo do mundo
Que a mulher só faz traição
A que começou foi Eva
Quando atraçou Adão,
Seguindo o mesmo caminho,
Dalila enganou Sansão.
(D'ALMEIDA FILHO, 1986, p. 23)

Ao fim da história, antes que o Diabo realize sua fuga, a mulher provoca-lhe, proferindo que a batalha dele está perdida para sempre, pois é subalterno ao Divino. Assim, nesse contexto, há uma aproximação desta história ao que acontece em *O Velho que Enganou o Diabo*.

Os folhetos assinados por Leite e Milanez repetem o mesmo desenlace, o Diabo sendo enganado pelas protagonistas, mas afastam-se um pouco do pacto tradicional. Trata-se na verdade de uma aposta. Nas duas histórias, o modo como elas enganam o Diabo em uma prova de mergulho é o que faz as mulheres triunfarem. No trato proposto, o vencedor seria aquele que conseguisse ficar por mais tempo submerso em um açude de águas turvas.

O local da aposta impossibilitava a visualização do oponente. Assim que chegaram ao local, o Diabo tratou de entrar na água. Nos dois folhetos, as mulheres procediam da seguinte forma: usavam um vestido e levavam outro semelhante como reserva. Ao chegar, tiravam o vestido, deixavam-no às margens do rio e, enquanto o Diabo estava com a cabeça encoberta pela água, a mulher colocava a roupa reserva e saía do local.

Como a oponente não fazia barulho, o Diabo levantava a cabeça e olhava, acreditando-se vencedor. Ao perceber o vestido na margem, mergulhava rapidamente para voltar à aposta, pensando ser o mais esperto. Nesse ritmo seguia-se a noite toda.

Já pela manhã, a mulher silenciosamente entrava na água, desfazia-se do vestido reserva e retomava seu lugar na aposta. Com a cabeça embaixo da água, ela sentia o movimento das águas e verificava que o Diabo saíra antes dela, tornando-se a vencedora da aposta.

Embora com finais idênticos, os folhetos de Leite e Milanez não são motivados pelos mesmos fatos iniciais. Neste, a protagonista é uma mulher que engana o marido e sai desacompanhada para dançar com outros homens nos forrós da Paraíba. Desconsolado com a situação, ele fica triste e não sabe como fazê-la parar com a rotina de festas.

Durante uma das saídas da esposa, Satanás aparece ao homem e propõe a este que, em troca de sua alma, fará com que ela pare de ir ao salão de baile. Assim, o pacto se dá entre o homem e o Diabo. Para obter êxito e carregar a alma do esposo, o Diabo sai atrás da mulher e faz a ela a oferta do mergulho no açude. O intuito dele é que, naquela noite, a esposa supostamente infiel não vá ao forro, tornando-se dono da alma daquele homem. Porém, como vimos a mulher aproveita a situação e, enquanto o Diabo pensa que ela está na água, na verdade, a oponente sai para dançar a madrugada inteira.

Já em José da Costa Leite, temos a tradicional história do diabo dentro da garrafa. Nele a mulher engana-o por duas vezes. A derradeira, conforme vimos, em uma aposta no açude. A primeira vez, trancando-o novamente na garrafa.

A história começa relatando a rotina de um casal que vivia harmoniosamente. No seu dia de folga, o marido vai ao rio e pesca uma garrafa com um diabinho dentro. Retornando a casa, colocou-a num cômodo e esqueceu-se de avisar a mulher sobre as peculiaridades daquele objeto. Ela, ao limpar a casa e sem saber do que se tratava, avistou uma fumaça azul e uma voz alterada dentro do frasco transparente e, curiosa com a situação atípica, tirou a tampa.

De lá, saiu um negro bem alto e feio, com uma perna só, dizendo estar preso há mais de 200 anos naquele lugar (LEITE, s/d, p.4). Percebendo ter libertado o Diabo e prevendo que coisas ruins poderiam acontecer, a mulher finge não acreditar que a criatura poderia caber dentro da minúscula garrafa. O Diabo, desejando provar o que dizia, retornou à garrafa e a mulher aproveitou-se da situação para trancá-lo novamente. Percebendo-se enganado, o diabo ficou preso e esbravejou.

Como não parava de fazer barulho, o que atrapalhava a mulher em seus afazeres domésticos, ela decidiu escutar a proposta que o Diabo queria lhe apresentar. Segundo ele, deixaria-a em paz caso ela o vencesse na prova de mergulho. O desenlace da aposta, como vimos, foi desfavorável para o Diabo mais uma vez.

Na primeira história, temos o pacto constituído entre a mulher o Diabo. A liberação do acordo só ocorre porque este desiste das almas ao deparar-se com uma tarefa humilhante: a de propagar os símbolos cristãos e católicos²⁴. Repetindo a mesma estratégia vista em *O Velho que enganou o Diabo*, reconhece-se o demiurgo maligno como uma entidade que repele ao Cristo. É a face do Adversário do Deus encarnado que se torna evidente.

Já nas duas outras, o tom é ainda menos temível. Embora haja no início de uma delas o pacto entre o marido e Satanás, a aposta entre mulher e Diabo coloca-os em condição de igualdade. Já não se trata de uma entidade maligna que trava um pacto com um mortal. É alguém tão familiar com quem se pode mesmo realizar uma brincadeira ou uma aposta. Tanto que a fúria do Diabo é desencadeada pelo fato de ter perdido de uma mulher e não por causa da alma que deixou de arrastar para o abismo.

Aliás, neste aspecto é que consiste a grande questão dos folhetos que trazem a mulher como inimiga do Diabo. Embora haja material para pensar questões relacionadas a preconceito de gênero, desviamo-nos de quaisquer delas e vamos relacionar esse duelo a partir de dois momentos bíblicos. O primeiro deles, no livro de abertura da Bíblia, no qual se vê a inimizade lançada por Yahveh entre Eva e a serpente.

Então Yahveh disse para a serpente: “Por ter feito isso, você é maldita entre todos os animais domésticos e todas as feras. Você se arrastará sobre o ventre e comerá pó todos os dias de sua vida. **Eu porei inimizade entre você e a mulher, entre a descendência de você e os descendentes dela.** Estes vão lhe esmagar a cabeça, e você ferirá o calcanhar deles. Yahveh disse então para a mulher: “Vou fazê-la sofrer muito em sua gravidez: entre dores, você dará à luz seus filhos;

²⁴ A França e a Alemanha medieval tem uma tradição em contos populares com esse mesmo enredo.

a paixão vai arrastar vocês para o marido e ele a dominará.” (GENESIS 3:14,16)

Depois, a luta entre a Mulher e o Dragão no *Apocalipse*.

Apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés, e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas. Estava grávida, com dores do parto, atormentada para dar à luz. Paraceu, então, outro sinal no céu: um grande Dragão, cor e fogo. Tinha sete cabeças e dez chifres. Sobre as cabeças sete diademas. Com a cauda ele varria a terça parte das estrelas do céu, jogando-as sobre a terra. O dragão colocou-se diante da Mulher que estava para dar à luz, pronto para lhe devorar o Filho, logo que nascesse. Nasceu o Filho da Mulher. Era menino homem. Nasceu para governar todas as nações com cedro de ferro. Mas o filho foi levado para junto de Deus em seu trono. A Mulher fugiu para o deserto. Deus lhe tinha preparado aí um lugar onde fosse alimentada por mil, duzentos e sessenta dias. (APOCALIPSE 12:1, 6)

Os dois episódios são emblemáticos para situarmos a relação pouco amistosa entre o Diabo e a mulher. O folheto, ao reapresentar o feminino como inimigo do Diabo, reforça a crença em uma concepção que é bíblica: a mulher e o Diabo têm uma relação de inimizade.

As interpretações do *Apocalipse* apontam que a Mulher do livro é a própria Maria, mãe do Cristo Redentor. Assim, ela tem uma participação significativa na execução do plano divino de salvação da humanidade. Ou seja, no projeto de salvação das almas humanas e da vitória sobre a morte, o maior trunfo de Jesus sobre o Diabo, encontra-se em na mulher a grande colaboradora.

4.2 FOLHETOS DE PELEJA, DISCUSSÃO E DEBATE: A FACE DO ADVERSÁRIO

A peleja, também denominada como desafio ou discussão, caracteriza-se pela presença de dois cantadores que se tornam adversários no intuito de verificar qual deles une conhecimento geral ou específico à habilidade na criação de versos e rimas. Cada um deles, intercalando a participação, apresenta uma estrofe composta por um

número de versos combinados previamente entre eles. O debate prolonga-se até que um deles seja dado como vencido pela plateia ou que um deles reconheça a derrota e desista da peleja.

Inicia-se exclusivamente na modalidade oral e, mais tarde, passa também a ser encontrada nos folhetos. Os cordéis que trazem o gênero mantêm o que lhe é peculiar: as duas vozes adversárias intercalando suas falas. Pode ser tanto uma reprodução de peleja que realmente tenha existido e esteja sendo registrada e reapresentada pelo cordelistas ou, mais comumente, uma criação escrita pelo poeta para venda de folhetos.

João Martins Ataíde, autor de produção numerosíssima, um clássico da literatura de cordel, confessa – é Origenes Lessa quem registra – que muitos desses folhetos de desafios e pelejas foram escritos no silêncio de sua tipografia. (BATISTA, 1977, p. 12)

Sendo a disputa nos folhetos uma invenção do cordelista ou o registro fiel de um episódio presenciado por ele, o fato é que nosso *corpus* apresenta onze pelejas nas quais o Diabo apresenta-se como adversário difícil a ser batido e termina como perdedor. *Peleja de Joaquim Francisco com o demônio* (Antônio Teixeira da Cruz), *Peleja de Manoel Riachão com o diabo* (há três folhetos com mesmo título assinadas por João Martins Athayde, Manoel Pereira Sobrinho, como autores, e José Bernardo da Silva, identificado como proprietário), *Segundo debate de Riachão com o diabo fingido em homem chamado Mumbaça* (Leandro Gomes de Barros), *O Embolador de coco com o diabo* e *Peleja dum embolador de coco com o diabo* (José Costa Leite), *Peleja de José Luiz com o demônio* e *Peleja de José Luiz Junior com o diabo* (José Luiz Filho), *Peleja de Zé do Caixão com o diabo* (Manoel d'Almeida Filho), *O Matuto e o diabo* (Proprietário Manoel Camilo dos Santos) são os títulos analisados aqui.

Embora sejam computadas onze pelejas, há apenas nove enredos diferentes entre elas. Isso porque os autores José Costa Leite e José Luiz Filho apresentam composições idênticas em folhetos com títulos são diferentes. No caso do primeiro autor, essa duplicidade dá-se em *O Embolador de coco com o diabo* e *Peleja dum embolador de coco com o Diabo*. Em José Luiz Filho, isso ocorre em *Peleja de José Luiz com o demônio* e *Peleja de José Luiz Junior com o diabo*.

Caso diferente do que acontece com *Peleja de Manoel Riachão com o Diabo*, registrado por três vezes no *corpus*. O título é assinado por distintos poetas populares e suas composições são diferentes. A recorrência desse folheto deve-se ao fato de que originalmente tenha tido em seu primeiro autor o nome de Leandro Gomes de Barros. Como vimos, a negligência com os versos de sua autoria e a pouca valorização da criação nos primórdios da poesia popular nordestina incorreram na perda de muitos dos títulos desse versista.

Sabendo-se disso, é confortável iniciar uma breve explanação sobre as pelejas, discussões e debates nos quais a figuração do Diabo revela a face de ridículo. Diferentemente do pacto, cujas diferenças de enredo fizeram-nos optar por apresentá-los individualmente, os de discussão apresentam enredos muito semelhantes. Por isso, nossa análise apresentará um panorama das ocorrências que se repetem neles.

Majoritariamente, antes de iniciar a peleja propriamente dita, os primeiros versos tratam de realizar a breve descrição do cantador, definindo-o como muito talentoso na arte de fazer rimas, uma pessoa de vasto conhecimento e boa argumentação. Por isso, trata-se de um adversário invencível na arte da rima e do verso.

Após as breves considerações acerca dele, surge na história o adversário que deseja colocar a fama do homem à prova. Trata-se do Diabo. Este não revela sua identidade ao competidor. Toma a iniciativa e desafia-o para o debate. Incitando a ira do oponente e mostrando a vaidade que lhe é peculiar, começa com a explanação de um vasto repertório. Seu conhecimento surpreende por ser fisicamente jovem, mas dominar assuntos ocorridos há décadas e séculos.

Com as alternâncias das falas e diante da dificuldade em vencer o oponente vindo das cortes infernais, o cantador percebe qual a real identidade do adversário e passa a invocar o nome dos santos da Igreja católica, especialmente da Virgem Maria, e de anjos, como Miguel.

Por conta das invocações às entidades santificadas pela Igreja Católica Apostólica Romana, o Diabo desiste da peleja, reconhecendo ser mais fraco do que os oponentes divinos. Sua derrota é sempre marcada no trecho final:

Com medo e desconfiado
O diabo viu-se perdido
Soltou um grande gemido
Tirando o corpo de lado
Ali todo arrepiado
Logo deu grande pipouco

E o cantador de côco
 Inda ficou se benzendo
 Tem gente ainda correndo
 E o medo não foi pouco.
 (LEITE, 1949, p. 8)

Diferentemente do que ocorre nos enredos de pacto, nos quais o homem não transpõe o temor diante da presença do Inimigo, nas pelejas o medo do Diabo é latente. Recebendo a denominação de pai da inveja, é este o título que acompanha o nome da personagem em boa parte das pelejas.

Dentre as partes que não são comuns a todas as pelejas, entretanto, devem tomar lugar especial em nossa análise a participação do Diabo na *Peleja de Joaquim Francisco com o diabo*, na qual o cantador, ao perceber ser aquele adversário o Diabo o fez sair dos lábios do próprio Tentador o nome Jesus Cristo. Joaquim Francisco pergunta ao oponente:

Que vivente foi este que existiu
 Que dos homens tornou-se o maior sábio
 E que sendo o maior dos sofredores
 Morreu tendo um sorriso nos lábios?"

(CRUZ, s/d, p. 9)

A resposta saída da boca do Diabo mostra que este reconhece o martírio de Jesus Cristo, palavras proferidas pelo Diabo neste folheto. Além disso, temos um Satanás que faz perguntas acerca de alguns fatos narrados na Bíblia. Como exemplo disso, verifica-se que ele questiona Joaquim sobre quem seria o maior de todos os juizes. O homem responde que é Pilatos, pois julgou o grande salvador. Convencido da resposta adequada, no final do debate é o próprio Diabo quem reconhece a onipotência de Deus, a importância de Maria, do Filho, Jesus, e do Espírito Santo, confirmando alguns dogmas religiosos:

J.F. "Quem é Deus, quem é Padre, quem é Filho,
 Diabo: Deus é luz, Deus é toda a Natureza
 Deus é o Padre que o mesmo todo encerra
 Jesus Christo é o filho, que Maria
 Deu a luz em Belhem e que na terra,
 Foi o sábio dos sábios; e enfim o Espírito
 É a graça de Deus que jamais erra!"

(CRUZ, s/d, p. 10)

Em seus aspectos textuais, essa peleja, diferentemente das demais, é considerada longa. Composta por 29 páginas (geralmente as composições tem apenas oito folhas), materializa o talento dos cantadores, difíceis de serem vencidos. Apenas na 21ª página é que o Diabo confirma sua identidade. A partir disso é que Joaquim consegue apresentar alguma vantagem na peleja. Sabendo de quem é seu adversário, passa a invocar santos e a Jesus Cristo.

Por isso, embora com algumas diferenças, esta peleja termina como as demais discussões, Joaquim Francisco triunfa apenas porque mostra-se crente a Jesus e outros santos. De modo que, torna-se evidente que o homem sozinho não é capaz de livrar-se do poder do Adversário. Assim, a face do demiurgo, embora vencido, afasta-se daquela verificável na maioria dos pactos. O Diabo não está em igualdade à criatura humana. Esta é vulnerável e necessita da interseção da divindade e santidade para poder livrar-se do Inimigo.

4.3 FOLHETOS DE QUEIXA: A FACE DO ACUSADOR

O terceiro contexto em que o Diabo aparece como ridículo é o folheto de queixas. Aqui a prioridade dele não consiste em arrastar as boas almas ao inferno, como nos pactos, ou mostrar-se mais inteligente e talentoso do que a humanidade, o que ocorre na peleja. Ele quer a condenação dos homens, assumindo a função de acusador.

Entretanto, não provem dele a motivação do pecado humano. Contrariando o que a tradição cristã difundiu no Ocidente, a função corruptora de Satã, levar o homem à queda, é totalmente descartada nas queixas. Assim, ele concomitantemente perde o poder teológico de atormentar os justos, peculiar à presença diabólica, e livra-se da culpa da transgressão humana. O homem sozinho é capaz de caminhar para a própria condenação e dispensa a ajuda do Rebelde.

Embora não consista em um grande número de folhetos, consideramos essa parte do trabalho reveladora, pois aponta para uma constatação ainda não apresentada em nenhum outro material consultado. Até então, todas as pesquisas a que tivemos acesso são unânimes em apontar o Diabo como o demiurgo que deseja arrastar as almas para o abismo. Essa visão é aceita de tal forma que pode ser considerada como ponto pacífico entre os pesquisadores do tema. Tão verdade que Cousté chama-nos a atenção para isso.

O interesse de Satã em aumentar a população dos infernos não foi – curiosamente – discutido ou interpelado pela maior parte dos demonólogos ou teólogos, que o consideram **certo e evidente**, como que para não perder tempo na investigação de sua causalidade. (COUSTÉ, 1997, p. 70)

Uma Queixa de Satanás a Cristo (José Vila Nova), *3ª Queixa de Satanás a Cristo* (há dois folhetos com o título, um deles por José Lucas Evangelista e outro, José Bispo) e *Satanás reclamando da corrupção hoje em dia* (José Costa Leite) são as obras que trazem uma visão inovadora acerca da responsabilidade que tange ao homem pelos infortúnios terrenos.

O primeiro folheto versa sobre uma reclamação que Satanás vai fazer a Cristo na Sexta-Feira da Paixão. O trajeto percorrido pelo Anjo Caído revela que ele sai dos abismos terrenos e, chegando ao portão do céu superior, encontra um santo, também denominado anjo, que libera a entrada:

Um santo chegou na porta
Para saber quem falava
Conheceu que era o Diabo
Que à negócio chegava
O anjo deu liberdade
A ele sem novidade
Foi a onde Cristo estava.
(NOVA, s/d, p.1)

Lembrando o livre acesso que Satanás tem à corte celeste em *Jó*, a conversa entre Cristo e o Diabo neste folheto revela a indignação deste em relação à conduta do homem na terra e a absolvição dos pecados humanos. A intenção de Satanás, ao procurar Cristo, é convencê-lo de que há um equívoco no plano de redenção da humanidade.

De acordo com a argumentação de Satanás, ninguém mais fala de Cristo na terra. A prioridade consiste em coisas pecaminosas, como o Carnaval, jogo, folia, orgulho, malandragem e protestantismo. Há luxúria no interior das igrejas e falta pudor entre homens e mulheres, solteiros e casados, jovens e idosos. A conduta da humanidade, absolutamente condenável, continua a ser relevada pelo Salvador.

Satanás, porém é o único que continua sem perdão.

Eu pequei e me perdi
 O perdão não pude achar
 Como é que o pecador
 Capaz de observar
 A vossa lei sacrossanta
 Joga, dança e pinta a manta
 Como pode se salvar?
 (NOVA, s/d, p.5)

Sem responder a questão proposta, Jesus Cristo lembra o princípio do livre arbítrio: “tem dois caminho também/ um do mal outro do bem/ prática o mal quem quiser” (NOVA, s/d, p.6). Neste momento, surpreendentemente, aparece Nossa Senhora no ambiente e escuta as palavras finais de Jesus.

Vendo que o Diabo queria uma explicação mais convincente, Nossa Senhora intromete-se na discussão e faz a defesa do filho e da humanidade. Com o ingresso da santa na história, a conversa, até então amistosa, toma uma proporção de discussão calorosa. A simples presença de Maria é motivo de contrariedade para o Diabo. Nessa história, é relevante o conflito entre a mãe do Salvador e Satanás. Com a presença da mulher, torna-se inviável a apresentação dos apelos e o Diabo desiste temporariamente de convencer o Redentor.

Mantendo a mesma linha argumentativa, a 3ª *Queixa de Satanás a Cristo* apresenta-se como uma das continuações daquela que fora apresentada anteriormente. A peculiaridade do folheto é que a necessidade ainda mais evidente que o Diabo demonstra em advogar contra os homens diante de Jesus Cristo. Em nosso *corpus*, há duas versões desta queixa. Uma assinada por Evangelista e outra por Bispo.

Nelas o Anjo Caído tem a mesma função: colocar Jesus Cristo contra os homens. Em Bispo, ressalta-se: “Foi quando a Virgem Maria/ lá do seu divino trono/ mandou ele retirar-se/ ele viu-se em abandono/ disse: pensei que o céu/ não tivesse tanto dono.” (BISPO, s/d, p.2) O último verso revela-nos que, além de contrariado com a presença de Maria, o Diabo é irônico. Ele usa essa característica para convencer o Redentor de que a humanidade não é digna de perdão.

Diferentemente do que ocorre na primeira queixa, nesta, Satanás perdeu o livre acesso que tinha ao céu. Embora consiga chegar ao local, é necessário que Jesus autorize a entrada. O controle de ingresso e saída é feita por São Pedro, com a ajuda dos anjos Gabriel e Miguel.

Aqui Satanás também é mais ofensivo. Inicia afrontando a Jesus, demais santas, santos e anjos. Com a agressividade apresentada pelo Inimigo, Miguel é chamado para expulsá-lo do céu. Mostrando-se já saber do desfecho, caso esperasse pela intervenção do anjo, o folheto informa que Satanás dispensou a briga. Não houve batalha alguma porque Satanás decidiu ir embora transparecendo medo de uma nova derrota, a repetição o desfecho no combate do *Apocalipse*.

No folheto de José Costa Leite, *Satanás reclamando da corrupção hoje em dia*, São Pedro já vem atendê-lo com uma faca na mão (LEITE, 1976, p. 1). O santo tem medo de Satanás e o recebe branco como uma vela e se benze mandando-o embora. Diferente do que ocorre nos anteriores, Satanás não reconhece a autoridade de São Pedro e bate no santo assim que chega ao céu. A agressão física não tem continuidade porque Jesus intromete-se e pergunta quais as intenções do Diabo com aquela visita.

Não menos engraçado que os demais, o Diabo reconhece a Jesus como rei e confessa não agüentar mais conviver com quem vive no Inferno. Ele aparece no céu para solicitar que o encaminhe pessoas boas. O irreverente aqui consiste na revelação de que as cortes infernais não são lugar de castigo para os homens, mas para o próprio Diabo.

Segundo suas palavras, o castigo a que está submetido é ficar aprisionado “*com um monte de gente que não presta, enquanto Jesus fica no bem bom.*” (LEITE, 1976, p.3) Este quer opinar quanto ao destino dos pecadores, indicando que a saída mais adequada para todos seja acabar com a humanidade inteira.

Era bom se o Senhor
Mandasse uma chuva quente
Para o povo *curruto*
Acabar com a semente
Pra depois aparecer
Outra raça novamente.
(LEITE, 1976, p. 7)

A versão diabólica do dilúvio seria o mais indicado. Entretanto, Jesus acredita no arrependimento e na regeneração das pessoas e, por isso, não assume nenhum acordo com o Diabo. O Salvador, inconciliável com o Inimigo, decreta:

Eu mesmo não vou fazer
Nada que você mandar
Eu faço aquilo que quero

Sem com você combinar
 Você procure os seus
 E os meus deixe ficar.
 (LEITE, 1976, p. 8)

Apresentado os enredos, a leitura das queixas nos confirma mais evidentemente a face acusadora do Diabo. Característica que o aproxima do Satanás em *Jó*. Não por acaso é com a mesma denominação, Satanás, que o demiurgo maligno aparece nos títulos dos folhetos de queixa. Soma-se à identidade de acusação do Inimigo da humanidade, surpreendentemente, a aspiração ao perdão.

O Diabo aparece como um coitado, angustiado por saber-se condenado eternamente. Seria uma nostalgia²⁵ de voltar a um lugar que lhe era de direito até a revolta contra Miguel e a terça parte dos anjos?. Teria ele se arrependido da condenação? A verdadeira motivação para sua revolta contra a humanidade seria, portanto, a inveja de estar, solitariamente, excluído da redenção. Verificando que ele concilia a função de acusador da humanidade com a reivindicação do perdão por seus pecados, o Satanás das queixas aproxima-se, de forma engraçada, ao diabo apresentado pelos românticos. “Os demais poetas, de Milton em diante, encareceram a dose e o Diabo foi representado, especialmente pelos românticos, como o ser condenado a uma perene angústia.” (FRYE, 2004, p. 233)

²⁵ O conto de Walmor dos Santos, *Nostalgia do Amor Ausente*, apresenta a face de Deus e do Diabo desejosos da reconciliação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poeta é aquele que tira de onde não tem e bota onde não cabe.

(Pinto do Monteiro, s/d)

Quando propomos este trabalho, visamos à identificação dos motivos que levam a literatura de folhetos do nordeste a apresentar com recorrência o Diabo como criatura ridicularizada, entendendo-a como a confirmação ou refutação da crença no projeto de redenção da humanidade, que pauta todo o *NT*. Ao verificarmos as aparições nos folhetos de pactos, peijas e queixas, conseguimos visualizar que há respectivamente a predominância das faces de tentador, adversário e acusador nesses três contextos.

No primeiro momento da análise, foi possível, de acordo com a diferença de enredo e funções exercidas pela personagem em estudo, apresentar a leitura fragmentada desses textos, conforme visto no capítulo anterior. Entretanto, a leitura dos vinte e dois folhetos compilados neste trabalho permite e sugere algumas aproximações. Por isso, optamos por confrontá-las neste fechamento. Com o intuito de encontrar correspondências entre os folhetos e a leitura bíblica, retomaremos alguns fatos da obra para subsidiar nossas reflexões.

Depois da confirmação da queda humana, em *Gênesis*, Deus apresenta à humanidade formas de reconciliar-se com ele. Os primeiros episódios que aproximam o Criador à humanidade, no sentido de renovar o enlace perdido devido à famosa transgressão no Jardim do Éden, estão no *AT*. A aliança com Moisés e a construção da arca de Nóe exemplificam essa tentativa.

Embora sejam identificados como uma atenção dada à humanidade para aproximarem-se do Pai, tanto o primeiro quanto o segundo acontecimento revelam a existência de uma seleção pouco democrática para a reconciliação com Deus. Apenas eram dignos de júbilo divino aqueles cuja conduta fosse honrosa ou pertencesse a um grupo privilegiado, denominado como o povo escolhido. De modo que a salvação não se estendia a todas as criaturas no *AT*.

É apenas no *NT*, com encarnação do Verbo, que se inaugura uma visão de arrependimento dos pecados e, como consequência, a absolvição das criaturas transgressoras. A ideia tanto é estabelecida com a vinda de Jesus que este, ao ser questionado por doutores da lei e fariseus sobre o destino de uma mulher descoberta adúltera (a punição para esta falta, segundo a Lei de Moisés, em voga, deveria ser o

apedrejamento em local público até a morte), surpreende a todos com sua postura. Nessa narrativa, o Deus Encarnado revela-se como aquele que não veio para condenar. Pelo contrário, deixa de seguir a prescrição antiga e instaura uma nova conduta. Segundo ele, aquele que não tivesse nenhum pecado poderia, então, atirar a primeira pedra. Não havendo ali alguém sem infrações (a humanidade é pecadora!), a mulher sobrevive e é absolvida: “Ninguém te condenou. Também eu não condeno a ti. Pode ir, e não peques mais.” (Jo 8, 11)

A concepção de um Deus que acredita na humanidade, afinal ele liberta a pecadora e termina com a imperativa “... não peques mais”, consagrada com esse episódio, tem seu ápice com a morte e ressurreição de Cristo. Esse sim, o evento que definitivamente marca o projeto divino de redenção da humanidade.

A crucificação do Verbo e a ressurreição, vitória do Deus Redentor sobre a morte, instala entre os que nela crêem uma confiança no Deus que vence o Diabo na cruz. A humanidade a partir daí pode ver-se livre da condenação. Jesus é quem, ao entregar-se na cruz, assume todo o pecado do mundo. Por conta disso, a peregrinação de Jesus na terra, do nascimento ao reencontro com os discípulos após a ressurreição, demarca a nova aliança que Deus propõe.

Considerando o que a *Bíblia* traz acerca do plano de salvação dos pecadores arrependidos, após a ressurreição, temos as palavras de Pedro em *Atos*: “Deus, com sua vontade e presciência, permitiu que Jesus lhes fosse entregue, (...). Deus, porém, ressuscitou Jesus, libertando-o da cadeia da morte, porque não era possível que ela o dominasse.” (At 2:23,24) Ainda de acordo com esse discurso, o primeiro de Pentecostes, o mistério da redenção²⁶ trata-se do resgate que liberta os homens da escravidão e do pecado. Nesse contexto, o triunfo de Jesus sobre a cruz tem seu espaço garantido na história da humanidade. A ordem instalada com a Nova Aliança traz consigo, a essência da fé cristã: o êxito do Redentor sobre a morte e o pecado, ou seja, sobre o próprio Diabo.

Entretanto, a inexplicável presença do mal no mundo mesmo após a ressurreição do Redentor, continuou atormentando as mentalidades e, especialmente na Idade Média e Moderna, alguns passaram a questionar a vitória definitiva. É nesse contexto que a figura de uma entidade maligna poderosa, o nosso Diabo cristão, ganhou tanto crédito e, por isso, repercussão.

²⁶ Definição de redenção apresentada pelo Catecismo da Igreja Católica, Edição Típica do Vaticano.

Uma entidade perversa, onipresente e vigia da humanidade toma importância tão evidente que, por vezes, substitui a crença do homem no triunfo definitivo de Jesus. Foi assim que o próprio discurso teológico, propagado inclusive – talvez o adequado seja o emprego da palavra principalmente – no interior das instituições cristãs, desconstruiu o que a igreja primitiva pregou.

Recuperando o que vimos nos folhetos, todavia, ao verificar que as intenções almejadas pelo Diabo (seja como tentador, adversário e acusador) nunca são alcançadas, pode-se afirmar que há uma aproximação do que se encontra no discurso bíblico precursor do cristianismo. De modo especial, ao considerarmos a correspondência entre o fato bíblico da ressurreição, vitória de Cristo sobre a morte, e a enganação ao Diabo, realizada pelas demais criaturas nos folhetos.

Nessa analogia, o homem não tem medo do Diabo. Sabe que a vitória de Jesus garantiu-lhe supremacia diante do Inimigo e, independentemente dos atos mundanos. De todo modo, o homem pode alcançar a redenção garantida pela misericórdia do Salvador (ou de seus representantes, anjos e santos guardiões do céu). As ações de Satanás – mesmo atuando como tentador, adversário, ou acusador, e tendo livre acesso à humanidade – não representam um perigo para a salvação das almas. Desse modo, o Diabo perde totalmente o poder de triunfar sobre a humanidade, sendo apenas um inimigo ridicularizado e facilmente derrotado pelo homem.

Ao empregar a palavra *ridicularizado* como predicação do Diabo na literatura de folhetos do nordeste, pensa-se isso considerando dois aspectos. Primeiro, por atender às características sinônimas do vocábulo *ridículo*, ou seja, digno de riso, de escárnio, zombaria, com valor insignificante. Depois, porque a figura do Inimigo transforma-se em ridículo na medida em que o homem o faz risível, tornando-o ignóbil quando a humanidade assim despreza seu poder de condenação.

Diante do que foi apresentado é possível entender que o riso do Diabo na literatura de folhetos não consiste em uma peculiaridade para responder a teologia atemorizante, propagada para repreender as mentes humanas. É, na verdade, um eco do que a Bíblia registrou há milênios.

O que se configura como transgressor ao que se apresenta nas páginas bíblicas é o pedido de redenção que o Diabo faz a Jesus nos folhetos de queixa. Comparando-se com o homem, o Inimigo apresenta-se como um injustiçado. O convívio com a humanidade o permite inferir que, apesar dos erros que a acompanham, esta é sempre digna de perdão. Enquanto ele, nostálgico do céu, é o único que não pode ser perdoado.

Posto isso, o Diabo ridicularizado dos folhetos é o desprezado do sertão: preterido pelos homens e por Jesus não há espaço para ele no plano de redenção. Na verdade, ele não foi esquecido (afinal, sua participação foi decisiva para que o plano se concretizasse). Apenas sua participação é absolutamente desnecessária. O homem sozinho é capaz de fazer seu próprio inferno terreno e depois alcançar a redenção.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.1ª reimpressão.

_____. **História de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ATHAYDE, João Martins. **Peleja de Manoel Riachão com o diabo**. s/d

BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da literatura de cordel**. s/local: Fundação José Augusto, 1977.

_____. **Restituição da autoria de folhetos do catálogo, Tomo I, da *Literatura Popular em Verso*** in MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA/ FUNDAÇÃO RUI BARBOSA. *Literatura Popular em verso: Estudos TOMO I*. Coleção de textos da língua portuguesa moderna. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

BARROS, João de. **Bebe Diabo Apareceu em São Paulo**. São Paulo: Jotabarro, s/d.

BARROSO, Gustavo. **Ao som da viola**. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1921.

BERGUES, Daniel [et al]. **Métodos críticos para a análise literária**. Tradução Olinda Rodrigues Prata; revisão da tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BÍBLIA A Bíblia de Jerusalém. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. 4ª impressão. Nova edição, revista. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1995.

BARROS, Leandro Gomes de. **Segundo debate de Riachão com o diabo fingido em homem chamado Mumbaça**. Paraíba: Popular Editora, s/d.

BISPO, Pedro. **3ª Queixa de Satanás a Cristo**. s/ local, s/d.

BLOOM, Harold. **Anjos Caídos**. Tradução Antônio Nogueira Machado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

CAMPOS, Eduardo. Inferno, cão e enxofre. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 21 abr. 1957. Disponível em:
<http://www.jangadabrasil.com.br/temas/deze_mbro2007/te10712a.asp> Acesso em: 25/07/2010.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2009.

CHAIN, Iza Gomes da Cunha. **O diabo nos porões das caravelas: mentalidades colonialismo e reflexos na constituição da religiosidade brasileira nos séculos XVI e XVII**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, Campinas: Pontes Editores, 2003.

CHAVES, José Reis. **A Face Oculta das Religiões**. São Paulo: Martins Claret LTDA, 2001.

CRUZ, Antônio Teixeira da. **Peleja de Joaquim Francisco com o demônio**. s/local: Popular Editora, s/d.

CURRAN, Mark J. **A Sátira e a Crítica Social na Literatura de Cordel** in MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA/FUNDAÇÃO RUI BARBOSA. Literatura Popular em verso: Estudos TOMO I. Coleção de textos da língua portuguesa moderna. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

D'ALMEIDA FILHO, Manoel. **A Mulher que enganou o diabo**. São Paulo: Editora Luzeiro, 1986.

_____. **Peleja de Zé do Caixão com o Diabo**. São Paulo: Editora Luzeiro, s/d.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300-1800 uma cidade sitiada**. Tradução de Maria Lucia Machado. Tradução das notas Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 5ª reimpressão.

DIÉGUES JR., Manuel. **Ciclos Temáticos na Literatura de Cordel** in MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA/ FUNDAÇÃO RUI BARBOSA. Literatura Popular em verso: Estudos TOMO I. Coleção de textos da língua portuguesa moderna. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

EVANGELISTA, José Lucas. 3ª Queixa de Satanás a Cristo. s/local, s/d.

FERRAZ, Salma. **O Bruxo do Cosme Velho decretou a morte do Diabo.** in As malasartes de Lúcifer: textos críticos de teologia de literatura / Salma Ferraz (org.). Londrina: EDUEL, 2012.

FERRELUSO, Augusto. **O Sócio do Diabo.** s/local, s/d.

FRYE, Northrop. **O código dos códigos:** a bíblia e a literatura. Tradução de Flavio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

KUSCHEL, Karl-Josef. **Os Escritores e as Escrituras.** Tradução: Paulo Astor Soethe, Mauricio Cardoso, Elvira Horstmeyer, Ana Lucia Welters. São Paulo: Loyola, 1999.

LEITE, José Costa. **A Mulher Que Enganou o Diabo.** Olinda: Casa das Crianças de Olinda, s/d.

_____. **O embolador de coco com o diabo.** Olinda: Casa das Crianças, s/d.

_____. **Peleja dum embolador de coco com o diabo.** Condado: A voz da Poesia Nordestina, s/d.

_____. **Satanás reclamando da corrupção hoje em dia.** Condado: A Voz da Poesia Nordestina, 1976.

_____. **Satanás trabalhando no roçado de São Pedro.** Olinda: MEC/UFPE/FUNAPE, s/d.

LIMA, José Severino de. **Como São Pedro enganou o Diabo.** s/local, s/d.

LUIZ FILHO, José. **Peleja de José Luiz com o demônio.** s/local, s/d.

_____. **Peleja de José Luiz Jr. com o diabo.** s/ local, s/d.

MAXADO, Franklin. **O bode subversivo que deu no diabo.** São Paulo: 1982.

MESSADIÉ, Gerald: **História Geral do Diabo:** da Antiguidade à Época Contemporânea. Tradução de Alda Sophie Vinda. Portugal: Europa-América, 2001.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão.** Bauru, SP: EDUSC, 2000.

_____. **O Diabo sem Fausto:** as mazelas do tentador nos trópicos. In: As malasartes de Lúcifer: Textos críticos de Teologia e Literatura. Org: Salma Ferraz. Londrina: EDUEL, 2012. 284 p.

NOVA, José Vila. **Uma queixa de Satanás a Cristo.** s/local, s/d.

PAPINI, Giovanni. **O Diabo:** apontamentos para uma futura diabolologia. Tradução de Fernando Amado. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

PIRES FILHO, Ormindo. **O demonismo em Grande Sertão: Veredas.** Pernambuco: Fundação Antonio dos Santos Abranches – FASA, 1984.

RIBEIRO, Lêda Tâmega. **Mito e Poesia Popular.** Rio de Janeiro: FUNART/Instituto Nacional do Folclore, 1986.

ROMERO, Sílvio. **Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil.** Petrópolis: Ed. Vozes. Governo do Estado de Sergipe, 1977. 2ª edição.

SILVA, José Bernardo da. **Peleja de Manoel Riachão com o diabo.** Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, s/d.

SILVA, Severino Milanez. **A mulher que enganou o diabo.** s/d.

SOBRINHO, José Alves. **Cantadores, repentistas e poetas populares.** Campina Grande: Bagagem, 2003.

SOBRINHO, Manoel Pereira. **Peleja de Manoel Riachão com o Diabo.** s/d.

STANFÖRD, Peter. **O Diabo**: uma biografia. Tradução Marcia Frazão. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

TORRES, José Antônio. **O Velho que enganou o diabo**. s/ local, s/d.

WEBER, Uwe. **Demônios, maus espíritos e a prática exorcista de Jesus segundo os evangelhos**. In: Estudos Teológicos. Ano 43. Nº 2, 2003. São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia.